

Universidade Federal De Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Graduação em História Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

**Entre textos e imagens: o processo de ensino-aprendizagem em
cartilhas alemãs produzidas para escolas sinodais**

Elias Kruger Albrecht

Pelotas, 2017

Elias Kruger Albrecht

Entre textos e imagens: o processo de ensino-aprendizagem em cartilhas alemãs produzidas para escolas sinodais.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título Licenciatura em História.

Orientadora: Lisiane Sias Manke

Pelotas, 2017

Agradecimentos

O trabalho acadêmico exige um longo processo de pesquisa e amadurecimento de ideias, e em alguns momentos muitas dúvidas e angústias perpassam esse processo. O entendimento do objeto a ser estudado, a procura nas fontes, a análise e a classificação dos dados encontrados, as expectativas das respostas às questões propostas na pesquisa são alguns dos passos durante a trajetória do projeto. Sendo que não chegaríamos a lugar nenhum se não tivéssemos o apoio de familiares, amigos e de instituições. A ajuda e a colaboração são necessárias tanto no plano pessoal quanto no plano acadêmico. Portanto, quero agradecer a todos àqueles que de uma forma ou de outra participaram e colaboraram com a minha formação acadêmica. Agradeço, em especial, a todos aqueles que colaboraram para que eu pudesse obter êxito na finalização desta pesquisa. Quero também nesse momento registrar a minha gratidão a Deus pelas bênçãos em minha vida.

A minha família: meus pais Paulo e Norma, que me deram a vida e me ensinaram o valor que ela tem e se esforçaram para que eu pudesse ter educação escolar, pois compreenderam a importância que esse conhecimento tinha para mim e, portanto sempre me deram apoio e incentivo para que eu pudesse obter êxito no meio acadêmico. As minhas irmãs Elissandra e Paula Daiana e meus cunhados Eliézer e Leandro pelo incentivo e constante apoio em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica e também pelas vezes que precisei da ajuda no deslocamento durante a pesquisa desse trabalho. Ao meu sobrinho e afilhado Mateus que mesmo pequeno já mostra o seu interesse pelos livros “deve ter puxado pelo tio” e também a minha afilhada Amanda, pois ambos são dois tesouros que Deus colocou em minha vida.

Aos meus amigos e amigas que me incentivaram a voltar a estudar e acreditaram que minha capacidade intelectual não poderia ser sobreposta às limitações físicas. Não poderei aqui mencionar todos os amigos e amigas, mas todos sabem o carinho e a admiração que tenho para com eles. Só quero agradecer a eles pelo apoio e incentivo em fazer o curso de história. “Hoje vocês não imaginam o bem que me fizeram”! Por isso, obrigado pelas longas conversas, pelos conselhos, pela ajuda e pelo abraço amigo. Aos colegas e amigos que fiz

no meio acadêmico, agradeço pela amizade e cooperação na construção do conhecimento.

A Cooesc (Cooperativa dos estudantes de Canguçu) a todos os cooperados e aos motoristas que não mediram esforços, nem apoio logístico para facilitar o meu embarque e desembarque. Trago aqui um pouco da minha gratidão pelos ótimos serviços prestados durante os quatro anos em que viajei na cooperativa.

E claro, em especial, ao quadro de professores e funcionários do Instituto de Ciências Humanas da UFPEL. Aos professores do Curso de licenciatura em História por colaborarem e não medirem esforços na construção do meu conhecimento acadêmico permitindo o meu crescimento intelectual, pessoal e social. Em especial a minha orientadora, Lisiane Sias Manke, pelas sugestões, conselhos e críticas durante a pesquisa que foram de suma importância para o desenvolvimento e êxito da minha pesquisa.

Também agradeço a todas as pessoas que me permitiram acessar os arquivos pessoais, as famílias visitadas durante a pesquisa, que foram receptivos, colaborando com materiais didáticos e com suas memórias escolares. Bem como ao HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares) e ao CEDOC (Centro de Documentação) ambos vinculados à Faculdade de Educação da UFPEL, por permitirem o acesso às fontes escolares para a minha pesquisa.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise das ilustrações presentes em dois livros escolares, produzidos na década de 1920, destinados ao ensino da leitura e da escrita em escolas sinodais, vinculadas às igrejas luteranas que atuavam junto às colônias de imigrantes no sul do Rio Grande do Sul. A Cartilha *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien* (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil), da editora Rotermund, ligada ao Sínodo Sul Rio-grandense, e a Cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica), da editora Concórdia, ligada ao Sínodo de Missouri. Ambas as cartilhas foram produzidas visando um determinado público, sendo que se trata de material didático em alemão, no qual as ilustrações foram pensadas de forma a valorizar o contexto rural, e as práticas socioculturais dos estudantes para os quais se destinavam. Portanto, as ilustrações foram utilizadas como elemento de reconhecimento cultural, colaborando na constituição identitária dos teuto-brasileiros.

Palavras chave: Escolas Luteranas, Cartilhas alemãs, Imagens.

Zusammenfassung

Diese Arbeit stellt eine Analyse der Illustrationen von zwei Schulbücher vor. Die Bücher wurden in den 20er Jahren veröffentlicht und dienten zur Lehre der Lektüre und des Schreiben in synodalen Schulen, die verbunden mit lutheranischen Kirchen waren. Diese Kirchen waren grundsätzlich in Einwandererkolonien im Rio Grande do Sul tätig. Die Fibel lauten nämlich: die Fibel für deutsche Schulen in Brasilien vom Rotermund-Verlag (ein Verlag der Riograndese-Synode) und die Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen vom Concordia-Verlag (ein Verlag der Missouri-Synode). Beide Fibel wurden für einen bestimmten Publikum verfasst, denn es handelte sich um ein Lehrwerk auf Deutsch, in dem die Illustrationen das Leben und die soziokulturellen Bräuche der Schüler bewerteten. Demnach wurden die Illustrationen als Mittel zur Erkennung der Kultur verwendet und trugen zum Aufbau der deutsch-brasilianischen Identität bei.

Schlüssel-Wörter: lutheranische Schule, deutsche Fibel, Illustrationen.

Lista das ilustrações

As Figuras apresentadas nesse trabalho foram retiradas das cartilhas *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil) da editora Rotermund, e da Cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica) da editora Concórdia.

Figura 01- Capa da Cartilha, Fibel fuer deutsche Schulen in Brasilien.	28
Figura 02- Capa da Cartilha Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen.	28
Figura 03- Edição B (Ortografia Latina) da Cartilha Fibel.	31
Figura 04- Edição A (Ortografia Gótica) da Cartilha Fibel.	31
Figura 05- 1º Imagem do Caçador página 30 na Cartilha Fibel.	33
Figura 06- 2º Imagem do Caçador página 73 na Cartilha Fibel.	33
Figura 07- O método silábico, Páginas 8,29 e 64 da Fibel	34
Figura 08 - Capa da Cartilha Schereiblesefibel.....	36
Figura 09- Contra -capa da Cartilha Schreiblesefibel.	36
Figura 10- Montagem de recortes tipográficos das paginas 6, 15 e 24 da Schreiblesefibel.	37
Figura 11- Imagens e Caligrafia. Página 13 da Schreiblesefibel	38
Figura 12- Caligrafia sem Imagem. Página 28 da Schreiblesefibel.	39
Figura 13- O ensino do encontro consonantal, SCH, página 9 da Fibel.	45
Figura 14- Colhendo frutas, e o ensino das letras L e O, página 5 da Fibel	47
Figura 15- A igreja presente no campo, página 7 da Fibel.	49
Figura 16-, A igreja e a escola lado a lado, página 13 da fibel	50
Figura 17- Gravura com mescla de cultura gaúcha e alemã, página 62 da Fibel...	51
Figura 18- A paisagem do pampa, página 31 do Fibel.	52
Figura 19- O ensino da letra F e o brinco de princesa, página 8 da Fibel.	53
Figura 20- O ensino da letra B e a vestimenta típica alemã, página 17 da Fibel.	56
Figura 21- O ensino do alfabeto páginas 8 e 9, da Schreiblessfibel.	57
Figura 22- Separação de silabas, encontro vogal, e consonantal, páginas 18 e 19 do Schreiblesefibel.	59

Figura 23- A Caligrafia, na Schreiblesefibel	62
Figura 24- Ilustrações diversas presentes na cartilha Schreiblesefibel.	63
Figura 25- Jesus, o bom pastor (ao lado a tradução do texto escrito para o português), página 31 do Schreiblesefibel.	65

Lista de Tabelas

As Tabelas apresentadas nesse trabalho são traduções do alemão para o português de textos e imagens das cartilhas *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil) da editora Rotermund, e da Cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica) da editora Concórdia.

Tabela 01- Tradução do texto da figura (13).	46
Tabela 02- Tradução das imagens da figura (13) para a forma escrita.	46
Tabela 03 - Tradução das imagens da figura (15) para a forma escrita.	50
Tabela 04- Tradução das imagens da figura (19) para a forma escrita.	54
Tabela 05- Tradução das imagens da figura (20) para a forma escrita.	56
Tabela 06- Tradução das imagens da figura (21) para a forma escrita.....	58
Tabela 07- Tradução das imagens da figura (22) para a forma escrita.	60
Tabela 08- Tradução do primeiro texto da figura (22).	61
Tabela 09 - Tradução das imagens da figura (23).	63

Sumário

Introdução:	11
1 Educação, um projeto de vida: O processo educacional das escolas sinodais	16
1.1- Os desafios da pesquisa em livros didáticos.....	23
2 Um olhar sobre a cartilha: organização e apresentação.	28
2.1- Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil).....	30
2.2- Cartilha Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen (Cartilha para Ler e Escrever- ensino para educação básica).....	35
3 Lendo imagens: encaminhamentos teórico-metodológicos e análise das fontes.	40
3.1- Teatralizando o cotidiano: a Linguagem visual da Fibel.....	44
3.2- Entre caligrafias e imagens: representação visual da Schreiblesefibel.....	56
Considerações finais:	67
Referências	73

Entre textos e imagens: o processo de ensino-aprendizagem em cartilhas alemãs produzidas para escolas sinodais

Introdução:

O presente trabalho tem como objetivo analisar as imagens presentes em dois livros escolares, produzidos na década de 1920, destinados ao ensino da leitura e da escrita em escolas sinodais, vinculadas às igrejas luteranas. De forma mais específica, pretende-se compreender a relação dessas imagens com o contexto social ao qual se destinavam os livros, assim como a relação das imagens com o texto escrito. Trata-se, portanto, da cartilha *Fibel Für Deutsche Schulen in Brasilien* (Cartilha para escolas alemãs no Brasil), produzida pela editora Rotermund; e da cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica), produzida pela editora Concórdia. Ambas editadas em língua alemã.

Nas escolas vinculadas às comunidades religiosas luteranas predominava o ensino em alemão, até pelo menos o início da segunda Guerra Mundial. Neste período o material didático para as escolas era produzido e fornecido predominantemente por duas editoras: Editora Rotermund, fundada em 1877, que ainda continua em atividade editando literatura variada, e a Editora Concórdia fundada em 1923, que também se encontra em atividade, dedicando-se a produzir literatura de cunho religioso.

A editora Rotermund desde sua origem está ligada ao Sínodo Sul-Rio-Grandense¹, oficialmente fundado em 1886, em São Leopoldo/RS, sob a presidência do Pastor Dr. Wilhelm Rotermund, também proprietário da editora. O sínodo Sul-Rio-Grandense era um entre os vários sínodos alemães que atuavam no Brasil, que no ano de 1949 formaram uma federação sinodal, passando a partir de 1968 denominar-se Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)². A Editora Concórdia, por sua vez, foi criada em 1923 pelo Sínodo de

¹ Ver: DREHER, Martin Norberto. Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. EST, Porto Alegre, 1984.

² Ver: NOSSA HISTÓRIA Federação Sinodal início da história da IECLB. Jornal O Caminho, edição, Out.2009, disponível online: <http://www.jornalocaminho.com.br/>

Missouri³. Esta organização religiosa chegou ao Brasil no ano de 1900, enquanto projeto missionário enviado pela igreja luterana do estado de Missouri/EUA. No Brasil passou a se chamar Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em 1904, quando foi oficialmente fundada, embora tenha dependido financeiramente do Sínodo de Missouri até a década de 1980. O material publicado por essas duas editoras também circulava junto às escolas das Comunidades Luterana Independente⁴ que surgiram junto às primeiras comunidades pomeranas, assim denominadas por não terem vinculação com nenhum Sínodo.

Segundo Kreutz (2007), os sínodos eram comprometidos com a causa religiosa, ressaltando a fé e o cotidiano em suas produções editoriais. Assim como, a alfabetização era algo constitutivo da identidade cultural dessas pessoas, por possibilitar o acesso direto às escrituras. Logo as cartilhas foram pensadas e elaboradas especificamente para os teuto-brasileiros⁵, pois se tratava de material produzido em alemão. Segundo Kreutz (1994), essa necessidade de elaboração de material didático para atender os imigrantes já é anterior aos próprios sínodos, uma vez que, Wilhelm Rotermund elaborou a primeira edição da cartilha *Fibel Für Deutsche Schulen in Brasilien* (Cartilha para escolas alemãs no Brasil), no ano de 1878. A mesma passou por sucessivas edições e reelaborações até pelo menos 1932. Ainda, segundo kreutz (1994), essa seria apenas a primeira de uma vasta produção de materiais didáticos produzidos especialmente para atender às escolas teuto-brasileiras:

Trata-se de livros elaborados e impressos especialmente para a escola teuto-brasileira sob a justificativa de que o material didático deveria partir da realidade do aluno e prepara-lo para inserir-se melhor em seu contexto. (KREUTZ, 1994, p.73)

Esses materiais didáticos eram vinculados a um projeto comunitário sobre a liderança das igrejas, que visava, conforme o autor, tanto os aspectos sociais e religiosos, quanto o do trabalho. O que implicava em um cuidado especial na

³Ver STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo**: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900-1904. Porto Alegre, Singularart, 1999. E REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda**: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre, v.1, Concórdia, 2003.

⁴Ver: OSVALD, Tamara. **As igrejas Evangélicas Livres e independentes em São Lourenço do Sul**. Dissertação de mestrado em História, UFPeL. Pelotas, 2014. E WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX**: Identidade e cultura escolar. Dissertação de Mestrado em Educação. UFPEL, Pelotas, 2007.

⁵ **Teuto-Brasileiro**: indivíduo de origem alemã e brasileira.

elaboração desses materiais didáticos para que contemplassem a realidade local e regional.

Apesar de a editora Rotermund ter uma produção de material didático bem mais difundida por estar no mercado há quase cinco décadas antes da Editora Concórdia, esta também teve uma significativa produção de materiais didáticos. Entre os materiais produzidos pela editora Concórdia se encontra a cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica), não se sabe em qual período ela foi produzida pela primeira vez, nem o número de edições publicadas, já que essas informações não foram encontradas na cartilha, assim como não se localizou estudos mais específicos sobre a mesma. Sobre este aspecto Weiduchadt (2007), se refere às cartilhas como anterior e posterior a 1923, sendo que antes dessa data foram produzidas na Concórdia Publishing House, EUA, e após essa data na editora Concórdia no Brasil, ambas ligadas ao Sínodo de Missouri.

Conforme estudos já realizados por Droogeres (2008) e Thum (2009), a língua e a fé era o que mantinham esse povo em união bem como garantiam a sobrevivência da cultura. A leitura tinha grande relevância, pois era requisito essencial para frequentar a igreja. Sendo assim, cada colônia de imigrantes pomeranos⁶ e alemães ocupava-se em construir a sua igreja, também chamada de “sociedade escolar e religiosa”⁷, especialmente para o caso das igrejas Luteranas Independentes. Nas igrejas Luteranas, o pastor paralelamente tinha o papel de orientador espiritual e professor, ensinava a ler e escrever em alemão. Sendo que a língua pomerana, segundo Weiduchadt (2007), era apenas um dialeto que era passado de pai para filho de forma oral, para a comunicação escrita era adotado o alemão.

Portanto, a escola e a igreja sempre tiveram uma atenção especial dentro das comunidades pomeranas e alemães. As comunidades reconheciam as vantagens que o ensino lhes dava, tanto no âmbito social quanto no religioso.

⁶ **Pomeranos:** Nome dado aos imigrantes que vieram ao Brasil da antiga Pomerânia que se situava nas costas do mar Báltico, território atualmente incorporado pela Alemanha e Polônia. Sendo que hoje a sua cultura praticamente esta extinta naquela região mantendo-se viva entre algumas comunidades no Brasil que ainda preservam o dialeto e algumas práticas culturais e religiosas. Ver SCHEFFER (2012)

⁷ As primeiras comunidades luteranas que se organizaram entre os colonos alemães e pomeranos foram denominadas **sociedade escolar e religiosa**, pois o espaço físico da comunidade abrangia tanto o âmbito religioso como o educacional.

Salomani (1996) chama a atenção para esse fato em sua pesquisa na qual ela aponta:

Quando construíram primeiro a igreja, as aulas eram ministradas dentro desta e quando as escolas eram construídas anteriormente, os ofícios religiosos eram realizados nas mesmas [...]as escolas ensinavam em alemão e eram totalmente vinculadas a igreja.[...] a alfabetização tornava-se muito necessária, porque era a língua em que eram editados a Bíblia e os hinários. (SALOMANI, 1996, p.47,50)

Uma das principais carências enfrentadas pelos colonos que aqui chegaram segundo Coaracy (1957), era a falta de escolas para os seus filhos. E que isso era uma realidade da época no Brasil Império, sendo que havia carência de ensino até nos grandes centros urbanos. Porém, não o era para eles que chegavam de um lugar onde o ensino era largamente difundido, e já se reconhecia a importância e as vantagens de se ter uma educação. Nesse sentido, Kreutz (1996) aponta que a questão escolar foi a característica mais importante dos imigrantes alemães na formação sociocultural do Rio Grande do Sul:

Entendiam a escola como parte fundamental do processo educacional [...] Aqui não esperavam pelo governo. A construção da escola e a sua manutenção chegava a ser prioritária sobre a própria casa e benfeitorias. [...] Na década de 1930 já haviam organizado na região rural do Estado, uma rede escolar com 1. 041 escolas comunitárias, [...] praticamente não haviam analfabetos nestas comunidades teuto-brasileiras, quanto a média nacional, em área rural, ainda passava de 80%. (KREUTZ1996 p.145)

Com essa convicção da importância escolar, os imigrantes alemães deram ênfase na organização do currículo dessas escolas, nas quais as crianças pudessem aprender o necessário para poder participar dentro da estrutura comunitário, tanto no âmbito do trabalho quanto no aspecto social e religioso. Portanto, a alfabetização era algo constitutivo da identidade cultural dessas pessoas, existindo entre elas uma relação muito estreita entre a escola e a igreja, pelo menos até se intensificar a política de nacionalização de Vargas, assim como, uma ampla difusão de material didático destinado ao ensino da leitura e da escrita em escolas sinodais, vinculadas as igrejas luteranas que atuavam junto às colônias de imigrantes no sul do Rio Grande do Sul.

Por perceber a significativa expressão dessas instituições nas comunidades alemãs, pelo fato de ter nascido numa família Pomerana, e meus avós terem estudado em escolas Sinodais, motivei-me em empreender esse

estudo. As memórias dessas escolas sempre se fizeram muito presente no meu cotidiano, pois fui criado dentro das tradições da cultura pomerana e a mantenho ativa, buscado viver essas práticas culturais cotidianamente no âmbito familiar e social. Portanto, saber me comunicar no dialeto pomerano, e ter significativa inserção nas comunidades alemães/pomeranas contribuíram e possibilitaram o desenvolvimento dessa pesquisa, que busca conhecer e dar visibilidade para os materiais usados nas práticas de ensino das escolas que funcionavam junto às igrejas luteranas. Ou seja, o fato de estar inserido em uma comunidade pomerana permitiu que eu pudesse ter acesso a pessoas que estudaram nessas escolas, bem como coletar materiais didáticos esquecidos nos porões e sótãos das casas no interior das cidades de Canguçu, São Lourenço, Pelotas, Morro Redondo e Arroio do Padre.

Portanto, essa pesquisa ocupou-se em analisar a relação entre imagens texto, e o contexto social para o qual se destinavam esses dois livros escolares: a Cartilha *Fibel für Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil) e a Cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica).

1- Educação, um projeto de vida: O processo educacional das escolas sinodais

Em uma breve contextualização da imigração e colonização do Rio Grande do Sul por colonos teutos pode-se destacar duas fases da colonização; a primeira se deu em 1824 com a chegada a São Leopoldo da primeira gleba de colonos, que foram assentados através da política de povoamento das terras pelo governo do Brasil, e a segunda fase que se deu por intermédio de empresas colonizadoras que adquiriam terra junto ao governo e traziam os colonos. Sendo assim, em 1858 chegaram os primeiros colonos pomeranos à colônia de São Lourenço do Sul, no contexto da segunda fase da colonização alemã, trazidos por Jacob Rheingantz⁸.

Pouco se sabe sobre o funcionamento das instituições escolares nos primeiros anos de colonização alemã no Brasil. Para Kreutz (1994), a falta de informação escolar desse período deu-se por consequência das políticas de nacionalização, que culminaram na proibição da produção de material didático em alemão no Brasil.

A Nacionalização do ensino induziu a uma destruição generalizada da memória histórica. Livros, revistas, almanaques, jornais e muitos outros documentos do período, foram destruídos, tanto pelos agentes da Nacionalização quanto pelos próprios teuto-brasileiros, como auto-defesa. (KREUTZ, 1994, p.61)

O processo de nacionalização⁹ que começou a ganhar espaço em âmbito nacional, a partir da primeira Guerra Mundial quando a união passou a mostrar preocupação com a estrangeirização do ensino, incentivando a nacionalização do mesmo, esse método passou a ser adotado de forma progressiva e concomitantemente às iniciativas dos governantes em diversos estados. Contudo,

⁸ **Jacob Rheingantz**; Empresário alemão responsável pela colonização alemã na Serra dos Tapes, iniciada em 1858, a partir da sociedade com José Antônio de Oliveira Guimarães. Ver IEPSEN (2008) Jacob Rheingantz a colônia de São Lourenço: Da Desconstrução de um mito à reconstrução de uma história.

⁹ **A Política de nacionalização** foi um conjunto de medidas adotadas durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, como proibição da fala e literatura estrangeira, entre outras medidas para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira. Esse processo de nacionalização segundo Gertz (2007), no Rio Grande do Sul teria tido duas fases uma de intervenção nas escolas das comunidades, fechando-as em sua maioria, e a outra em forma de perseguição política àqueles que não eram considerados verdadeiros brasileiros.

sabe-se que essas escolas aos poucos foram sendo implantadas nos núcleos coloniais como alternativas de ensino público gratuito. Porém, com o fim da república federalista no Rio Grande do Sul e a ascensão de Getúlio Vargas¹⁰ ao poder o processo de nacionalização que vinha se dando de forma natural, passou a sofrer um forte acirramento, em especial no período do Estado Novo.

A partir de 1937, a nacionalização deixou de ser progressiva passando a ser compulsória. Segundo J.P. Coelho de Souza (1941), o Governo do RS adotou medidas preventivas e repressivas, sendo que as medidas preventivas ainda eram divididas em extraescolares e escolares. (KREUTZ, 2010, p.76)

A partir desse momento o governo passou a se valer de dois meios para acelerar a nacionalização: investimentos em repressão e formação de professores para intervir nas escolas paroquiais. Conduzido nesse período de forma mais agressiva, com a proibição do ensino da língua e da escrita alemã bem como o afastamento de professores e a proibição da produção e circulação de materiais didáticos. Segundo Kreutz (2010), esse efeito pedagógico teve um reflexo negativo na qualidade de ensino e aprendizagem de toda uma geração, pois fez com que escola se tornasse estranha tanto na língua como na escrita para o aluno teuto-brasileiro.

Com as políticas de nacionalização do ensino, criou-se um clima de tensão e medo na região colonial dos imigrantes e a proibição da língua materna, que era fator de identificação étnico-cultural e religiosa, atingiu a nova geração que passou a um constrangedor silêncio sobre sua própria identidade (KREUTZ, 2010, p79).

Nesse sentido, Thum (2009),¹¹ vai se referir a um isolamento das comunidades, causado pelo processo de restrição de cidadania que se acentuou durante a segunda Guerra Mundial, e levou a um fechamento identitário, o que de certo modo, ajudou a preservar a cultura, bem como alguns materiais didáticos usados no período.

A partir de 1900 já havia o Sínodo Sul-Rio-Grandense e o Sínodo de Missouri, estes além de fornecer o material didático para as suas escolas, também formavam seus próprios professores, O material produzido procurava

¹⁰ **Governo Vargas**; ou **Estado Novo**, foi o nome dado ao regime político brasileiro de cunho autoritário e centralizador, fundado por Getúlio Vargas em 1937 e durou até 1945.

¹¹ **THUM, 2009** aponta que se por um lado as comunidades tinham a sua organização reconhecida por outros, sofriam o isolamento e as consequências desse isolamento se expressaram de forma violenta durante a II Guerra Mundial.

ressaltar a fé e o cotidiano, sendo que a maioria dos materiais era de literatura cristã, matemática, geografia e alfabetização, assim como, de literatura alemã para fortalecer os vínculos étnicos. Segundo Arendt (2005), a editora Rotermund se dedicou largamente na produção de material didático, produzindo sobre as mais diversas temáticas, priorizando sempre o ensino elementar, voltado para o cotidiano. Nesse sentido Kreutz (1994), aponta que os vários âmbitos da comunidade rural teuto-brasileira estavam vinculados à questão escolar. Havia segundo ele um incentivo para que o processo pedagógico de ensino e aprendizagem, bem como a produção do material didático, deveria sempre partir da realidade do aluno:

O currículo dessas escolas estava organizado de forma que as crianças aprendiam o essencial para o bom entrosamento na vida das comunidades rurais, tanto sobre aspecto religioso e social quanto do trabalho. Aprendia-se matemática adaptada as circunstâncias concretas, seja na forma, seja no conteúdo. Por isso dava-se ênfase às kopfrechnungen (cálculos feitos mentalmente), já que na vida agrícola a pessoa teria que calcular, com frequência, sem ter o papel e o lápis na mão. Também nas outras áreas do ensino havia a preocupação em ensinar o conteúdo vinculado a realidade do aluno. Dai o cuidado especial dos teuto-brasileiros quanto à elaboração e impressão de material didático adequado à realidade local e regional. Produziram-no em grande quantidade e em consonância com um projeto mais amplo de comunidade. (KREUTZ, 1994, p.9)

Segundo Wille (2001), o ensino era algo levado muito a sério, sendo que escola e a igreja eram encontradas em todas as comunidades de imigrantes alemães e pomeranos. Sendo assim, a alfabetização era algo constitutivo da identidade cultural dessas pessoas e não frequentar uma escola acarretava em penas punitivas de cunho religioso, pois saber ler era pré-requisito para poder frequentar a igreja. Para Salomani (1996), ambas, igreja e escola, se complementavam e a alfabetização em alemão tornava-se necessária, porque era a língua em que eram editados a Bíblia e os hinários. Kolling (2000) reforça essa ideia em sua pesquisa sobre o contexto educacional pomerano, no qual ele coloca que a tradição escolar e religiosa era muito forte. Sendo que cada imigrante tinha sua própria Bíblia, hinário e livro de devoção.

Sendo assim, os sínodos e professores/pastores se engajaram num projeto maior que era produzir material didático que contemplasse integração religiosa, social e cultural, além de estimularem fortemente os colonos a conservarem suas tradições comunitárias. Logo a escola, segundo Kreutz (1994), era concebida

como condição necessária para o exercício da cidadania. Mas para que essa cidadania pudesse ser exercida era preciso organizar currículo e materiais didáticos que viessem a contemplar a realidade do aluno, o que o autor vai chamar de realismo pedagógico, prática que já era adotada na Alemanha, ou seja, o conteúdo do material didático deveria contemplar o que era habitual para os colonos que aqui viviam. Para que assim pudessem melhor integrar-se no espaço geográfico e social no qual viviam. Essa preocupação com o fomento da educação era tema recorrente em assembleias de professores paroquiais. Kreutz (1991), ao analisar um jornal do período conclui que:

[...] a didática e a metodologia nas escolas paroquiais era um tema muito presente, sendo que quase cada número do jornal do professor se referia a preocupação com a elaboração e a edição de manuais especialmente adaptados às escolas rurais das colônias. [...] sempre se concluía pela necessidade de prover as escolas com abundante material didático, que de fato era produzido em boa quantidade e com bastante atualização pedagógica. (KREUTZ, 1991, p.141)

Foi com essa perspectiva que Wilhelm Rotermund criou a editora Rotermund no ano de 1877, nove anos antes de fundar o Sínodo Sul-rio-grandense. Percebendo a necessidade de materiais didáticos, elaborou a primeira cartilha, especificamente para os imigrantes teuto-brasileiros contemplando a realidade local e regional. A Cartilha que foi elaborada no Rio Grande do Sul, local de atuação de Rotermund, foi impressa em Leipzig, na Alemanha, recebendo o nome de *Fibel für Deutsche Schulen in Brasilien* (Cartilha para escolas alemãs no Brasil). Entretanto as cartilhas estrangeiras e o material produzido de forma manual pelos próprios professores, bem como o ensino de forma oral, sem muitos recursos didáticos predominaram até a última década do século XIX. Nesse período a editora Rotermund que atuava na impressão e distribuição de material didático entre as colônias alemãs no centro do estado do Rio Grande do Sul, onde o sínodo sul-rio-grandense tinha forte atuação, passou a intensificar sua produção de livros e cartilhas, ganhando espaço entre as colônias teuto-brasileiras do estado. Segundo KREUTZ (1994):

a partir de então intensificou-se a produção e impressão de manuais escolares destinados especificamente à escola teuto-brasileira, alegando-se que o material escolar deveria ser produzido a partir da realidade do aluno, com o objetivo de facilitar sua inserção nesta mesma realidade. (KREUTZ, 1994, p.61)

Como já salientado, a editora Rotermond elaborava e produzia cartilhas que focavam em auxiliar o aluno a se inserir no contexto social onde vivia, mas não fugindo da germanidade¹². Dreher (1984) ressalta essa importância dada pelo próprio Rotermond, autor e editor de livros didáticos, em não romper completamente seus vínculos com a origem étnica, quando se refere a uma fala que teria sido proferida por ele em um jornal da época, o *Deutsche Post* (Correio Alemão), que era produzido em sua editora e circulava entre as comunidades alemãs:

É certo que nossas crianças venham a conhecer nas escolas, a língua e a história do país, mas antes de tudo devem conhecer a língua e a história do próprio clã: e o que lhes deve ser ensinado de história, de doutrina e afirmação de fé pode ocorrer em língua alemã. (DREHER, 1994, p.91)

Porém, no momento em que o Sínodo Sul-Rio-Grandense já tinha se organizado e estava em plena expansão interna, passou a dividir espaço com o Sínodo de Missouri que expandia seu campo missionário para a América do Sul, no ano de 1900, mais especificamente para a região do Rio Grande do Sul, atrás justamente da grande quantidade de imigrantes alemães de origem protestante instalados na região. Nessa ocasião, o Sul do estado especialmente as localidades de São Lourenço do Sul, Pelotas e Canguçu apresentaram-se como um campo de possibilidades para missão, por duas razões: no centro e no norte do estado já atuava o sínodo Sul-rio-grandense, e na região sul havia milhares de imigrantes e descendentes de imigrantes. Segundo Osvald (2014), o Sínodo de Missouri estabeleceu contato nas regiões coloniais, direcionando suas atividades, sobretudo na valorização da escola e do ensino. Weiduschadt (2009) reforça essa forte atuação no campo educacional do Sínodo de Missouri:

O Sínodo de Missouri mantinha uma preocupação com o ensino sistematizado aos seus fiéis, preocupando-se em fundar escolas paroquiais junto às suas congregações. Era necessário consolidar um campo religioso e fortalecê-lo investindo na escola, e, ainda, influenciar o campo familiar dos seus possíveis fiéis. (WEIDUSCHADT, 2009, p.3)

Ainda, segundo Rehfeldt (2003), a maioria dos imigrantes nessa região era de pomeranos, renanos e teuto-russos, que a mais de cinco décadas se

¹² **Germanidade**; características, hábitos, estilo, língua, e outras influências da cultura do povo alemão.

organizavam de forma autônoma e independente. Estes imigrantes constituíam escolas que também eram usadas como igrejas, sendo que entre essas comunidades já se encontravam no período da chegada do Sínodo de Missouri cerca de trinta sociedades escolares¹³, que também assumiram caráter de comunidade religiosa, campo sobre o qual já se encontravam enraizados os chamados pseudo-pastores¹⁴. Para Teichmann (1996), a igreja não era para estes pomeranos uma necessidade premente, porém a escola o era. Segundo o autor:

[...] O professor igualmente era pastor. Esta situação caracterizava o sul. Não existia, no sul, uma comunidade estritamente religiosa. O pastor não era o professor, mas o professor geralmente desempenhava o papel de pastor [...] faziam pastor aquele que entendesse um pouco de como realizar um culto, ou algum membro da comunidade que fosse mais esclarecido. (TEICHMANN, 1996, p.94)

A questão escolar logo foi percebida pelos missionários do sínodo de Missouri como meio de propagar seus ideais confessionais. Percebendo a carência no campo educacional, Broders,¹⁵ missionário que fundou a primeira igreja e simultaneamente também organizou a primeira escola do sínodo de Missouri no Brasil, na colônia São Pedro, atual cidade de Morro Redondo, teria afirmado, segundo Rehfeldt (2003), em carta enviada ao departamento missionário, que para obter sucesso na missão seria preciso investir em escolas:

Se quisermos ter sucesso na missão, precisamos, com certeza valorizar a escola paroquial [...] eles gostam muito da escola, mas os cultos são pouco procurados [...] a escola deve ocupar o primeiro plano nas nossas congregações. É especialmente por causa das escolas que se formam as congregações. (REHFELDT, 2003, p.51)

Assim, o Sínodo de Missouri desde a sua fundação cultivou o binômio igreja escola. Para Weiduschadt (2007), a educação ocupou um lugar central na adesão dos fiéis, pois as escolas eram organizadas de uma forma que possibilitavam uma aproximação entre a igreja e a escolarização. Porém, uma das

¹³ **Sociedade escolar**; nome dado à forma de organização das comunidades livres para manutenção da fé luterana através da organização autônoma e a reivindicação e administração de interesses sociais comunitários, como por exemplo, a construção de cemitérios, a educação das crianças e jovens e a legitimação dos matrimônios(OSVALD, 2014,p.30)

¹⁴ **Pseudo-pastores**; homens sem formação teológica que trabalhavam como pastores e professores na sociedades escolares.

¹⁵ **Christian j. Brodres**; foi o pastor comissionado pelo Sínodo de Missouri para avaliar as oportunidades missionárias no Brasil. Fundou em 1º de julho de 1900 a primeira igreja e em outubro do mesmo ano iniciou uma escola paroquial com 22 alunos. E em relatório ao Departamento de Missão, apontou que o trabalho com escolas paróquias deveria ser o princípio básico da missão do Sínodo de Missouri no Brasil. **Ver Rehfeldt, (2003.)**

principais reivindicações das primeiras escolas, segundo Steyer (1999), não era o espaço para abrigar os alunos e sim a carência de material didático, que passaram a ser editados na Concórdia Publishinghouse nos EUA¹⁶. Sendo que esse sínodo somente veio a fundar sua editora no Brasil no ano de 1923, recebendo o nome de Editora Concórdia. Ela foi criada, segundo Weiduchadt (2012), para ser um referencial na produção e divulgação de material para formação, informação, pesquisa, adoração e edificação cristã. O grande investimento na área educacional foi na formação de professores junto ao Seminário Concórdia, como esclarece:

A capacitação de pessoas para o trabalho teológico e pedagógico era uma das justificativas para o Sínodo investir na formação de pessoal, a fim de difundir as doutrinas luteranas e propagar a sua missão, sem deixar de levar em consideração que seria menos dispendioso formar professores e pastores no Brasil do que financiar pessoas vindas de fora para o trabalho. Tinha-se consciência de que era preciso fortalecer a educação e a igreja dentro das comunidades já existentes. (WEIDUSCHADT, 2012.p.6)

Assim, somente na segunda metade da década de 1920, o sínodo de Missouri passou a produzir suas cartilhas e livros didáticos no Brasil, após já ter consolidado um campo educacional com capacitação para atuar no sentido de orientar o grupo em que eles estavam inseridos. Contudo, mesmo diante do foco educacional, as Cartilhas do sínodo de Missouri sempre mantiveram um caráter mais religioso, havendo o cuidado em relacionar os conteúdos seculares e o aprendizado ao pensamento cristão. Como observa Weiduschadt:

[...] nos impressos a noção religiosa e doutrinária não é desviada em nenhum momento do seu propósito, isto é, os textos de História factual, ciências e geografia não se desprendem em nenhum momento da função religiosa e moral pregada pelo sínodo. (WEIDUSCHADT, 2012, p150)

Em sua pesquisa Weiduschadt (2012), aponta que o Sínodo de Missouri mantinha uma linha mais rígida de ensino, mantendo o foco principal que era o ensino voltado para a prática cristã. A pesquisa de campo mostrou que os materiais didáticos produzidos pela editora Concórdia não são encontrados com tanta facilidade, em comparação aos materiais da Rotermund. Isso se deve possivelmente ao fato da editora Concórdia ter se instalado no Brasil tardiamente,

¹⁶ **EUA**; Estados Unidos da América, país onde ficava a sede do Sínodo de Missouri.

ou mesmo, por ter produzidos em menor escala, buscando suprir somente a demanda de suas escolas. Uma vez que, quando a Concórdia foi fundada já havia uma ampla circulação de materiais da Rotermond, presente em escolas de diferentes vinculações sinodais. Já as cartilhas da Concórdia só foram encontradas e reconhecidas por pessoas que estudaram em escolas do sínodo de Missouri.

Assim a Cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica), foi uma das poucas cartilhas produzidas no Brasil, pela Editora Concórdia, encontradas durante a pesquisa. Suas características são muito semelhantes a do exemplar norte americano¹⁷, sendo que possuem a mesma forma de apresentação dos conteúdos e ambas trazem junto o primeiro e o segundo ano escolar. Percebe-se nelas uma sincronia de um projeto comum mais amplo, daí a importância dada a formação do professor como já foi apontado por Weiduschadt (2012), pois cabia a ele direcionar a forma de usar corretamente a cartilha. Porém, independente da metodologia adotada no ensino, Osvald (2014), aponta que educação e religião sempre estiveram interligadas durante o processo de colonização e adaptação dos imigrantes no Brasil, pois onde havia uma igreja também havia uma escola.

1.1- Os desafios da pesquisa em livros didáticos

Desde o momento que entrei na graduação uma questão me chamou a atenção: como ao longo da história a sociedade tratou a questão educacional. Nesse sentido, como os registros escritos, desde as primeiras representações, foram sendo aperfeiçoados e incorporando às mudanças políticas e sociais ao longo do tempo. De modo mais específico, a inserção dos suportes pedagógicos, que cumprem uma importante função social no campo educacional.

Em relação à produção e uso dos materiais destinados ao ensino da leitura e da escrita, Batista e Galvão (2009), afirmam que esses apresentaram diferentes suportes ao longo da história. Segundo os autores, a definição do suporte livro didático, como ele é definido na atualidade é um conceito contemporâneo:

¹⁷ Erstes Lesebuch; für Evangelisch Luteherische Schulen (Primeiro livro de Leitura da Escola Evangélica Luterana) Concórdia Publishing House, EUA. É importante ressaltar que ambas editoras eram ligadas ao sínodo de Missouri.

O livro foi associado a uma forma privilegiada de registro – o impresso; foi vinculado a um conjunto bem delimitado de áreas do conhecimento e disciplinas-Português, História, Matemática entre outros. Mas [...] “livro didático”, é também imagem digital presa a uma tela de computador. [...] é também tabela, translado, folheto, já que materiais destinados ou adequados à instrução; é também, como apontam estudos – um conjunto de manuscritos, como cartas pessoais e documentos de cartório, [...] é também por fim, livro de doutrina cristã. (BATISTA e GALVÃO, 2009, p.13).

Entre os diferentes suportes acima citados, o manual escolar é ao que tudo indica o que mais sofre com a ação do tempo, ou seja, ele tem um tempo de vida útil, após é substituído, aperfeiçoado ou até mesmo reeditado, isso tudo porque é expressão do que a sociedade considera importante ensinar em um determinado momento. Sofre, portanto, ações do governo, influência da igreja e da própria sociedade civil. Isso faz com que o livro didático se torne uma fonte importante de pesquisa para buscar respostas sobre ações e comportamentos da sociedade em determinadas épocas, ou de determinadas culturas. Ainda, os livros didáticos para Batista e Galvão:

[...] reproduzem e condicionam um modo de organização da cultura escolar, concepções pedagógicas, maneiras de escolarizar saberes. Eles são, portanto objetos por meio dos quais se pode buscar construir a história dos modos de conceber, pelo Estado, a formação ideológica da criança, bem como dos processos pelos quais a escola constrói sua cultura, seus saberes, suas práticas. (BATISTA; GALVÃO, 2009, p.16).

Nesse sentido, os autores consideram que o texto didático possui múltiplas funções, sendo importante ao se estudar livros didáticos ficarmos atento ao contexto em que foram produzidos, pois o seu discurso pedagógico exerce importante influência, e é influenciado pela sociedade em que foi produzido.

Para Choppin (2002), os livros didáticos foram negligenciados e passaram despercebidos por muito tempo, nas pesquisas acadêmicas, por serem vistos como algo do cotidiano, que não apresentavam nada de raro, exótico, ou singular. Conforme o autor por serem produzidos em grande quantidade fazem sucesso e desaparecem conforme as mudanças no âmbito social, cultural, econômico, ou seja, são percebidos como materiais de consumo pedagógico, que precisam ser aperfeiçoados continuamente. Porém, apenas recentemente o campo educacional começou a manifestar interesse nesses materiais, enquanto fonte de pesquisa. Assim, esclarece Choppin (2002):

Os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem, às ciências. Ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou a semiologia da imagem. (CHOPPIN, 2002, p.13).

Assim, pesquisar em livros didáticos é algo complexo e ao mesmo tempo desafiador, pois são produtos de uma época e constituíram diferentes suportes e contemplaram diferentes interesses. Mas essas particularidades fazem desses materiais um objeto privilegiado para compreender as mentalidades de uma época. Ainda, para Choppin (2002), o manual escolar participa do universo cultural e, portanto, se constitui como um testemunho escrito, ou seja:

[...] depositário de um conteúdo educativo, o manual tem, antes de mais nada, o papel de transmitir às jovens gerações os saberes e as habilidades (mesmo o “saber-ser”) os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade [...] O livro de classe veicula, de maneira mais ou menos sutil, mais o menos implícita, um sistema de valores morais, religiosos, políticos, uma ideologia que conduz um grupo social [...] participa assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) [...] É igualmente, um instrumento pedagógico, na medida que propõe métodos e técnicas de aprendizagem. (CHOPPIN, 2002, p.14)

Nessa perspectiva de perceber o livro didático como um objeto de ensino e formador de mentalidades, este torna-se um importante objeto de pesquisa, enquanto instrumento didático que influencia a formação de identidades.

Contudo, localizar esses materiais didáticos tem se tornado um desafio, pelo simples fato de serem considerados um objeto de consumo, com um determinado prazo de validade. O que é agravado pela falta de acervos especializados na salvaguarda de livros escolares. Nesse sentido, Choppin (2002), aponta que por não poder localizar fisicamente exemplares, podemos encontrar traços indiretos das produções escolares, ou seja, que o fato do livro didático não estar disponível em acervos especializados, não quer dizer que ele não existe, ou que através de indícios de sua existência não se possa mapeá-lo. Nesse sentido, é preciso propor-se a uma busca pelo objeto de pesquisa.

No caso dessa pesquisa, os estudos sobre as comunidades teuto-brasileiras apontavam que seria difícil encontrar esses materiais escolares, pois a maior parte deles teria desaparecido durante a Segunda Guerra Mundial e a política de nacionalização do Governo Vargas, que culminou no fechamento ou

nacionalização dessas escolas. Contudo, ao empreender a busca por essas fontes, foi possível localizar alguns exemplares de livros escolares em língua alemã nos acervos do CEDOC (Centro de Documentação) e do HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), ambos vinculados à Faculdade de Educação da UFPel. Desses materiais foram feitas algumas cópias, para levar junto nas visitas de campo, de modo que servissem como auxílio visual à pesquisa, pois tendo o sujeito estudado com alguma daquelas cartilhas poderia vir a rememorar-las.

A partir desses materiais busquei encontrar na região de colonização pomerana dos municípios de Canguçu, Pelotas, São Lourenço do Sul, Morro Redondo e Arroio do Padre, outros materiais, bem como pessoas que estudaram antes de 1940 em escolas sinodais, e que assim pudessem colaborar com a pesquisa, confirmando o uso dos materiais já encontrados, ou fornecendo algum material didático que tivesse utilizado na escola, e que eventualmente estivesse guardado.

Durante o período da pesquisa foram visitadas nessa região, dez casas, sendo que algumas delas duas vezes, primeiro para estabelecer um primeiro contato e falar sobre a intenção da pesquisa, a saber: o material didático utilizado nas escolas Sinodais. Num segundo momento para apresentar o material já encontrado e olhar alguns materiais de acervos particulares. Em três casas visitadas foram disponibilizados livros, cartilhas, Bíblias e hinários, pois os donos do material já haviam falecido, mas em outras residências, foi estabelecido também contato com as pessoas que estudaram entre 1932 e 1941.

No total foram localizados 27 exemplares de livros em língua alemã, utilizados nessas comunidades, sendo que 13 unidades nos acervos do CEDOC e HISALES, e outros 14 em acervos privados das famílias visitadas. Esse material constitui-se por 8 cartilhas, 10 livros de gramática, matemática, doutrina e leitura, 2 cadernos, 2 Bíblias, 3 hinários, 1 atlas e 1 livro de canto.

O passo seguinte foi analisar a questão editorial, ou seja, procurar saber onde foram produzidos. Logo, pude perceber a predominância da editora Rotermund, ligada ao sínodo Sul-Rio-Grandense, que publicou 15 unidades dos materiais didáticos encontrados, e apenas 5 unidades da editora Concórdia e Concórdia Publishing House. O restante do material trata-se de editoras variadas

como da Volckmar Berlin e da Stretti, ambas alemãs; da Tipographia Mercantil e Livraria Globo, ambas de Porto Alegre, e da editora Vozes, do Rio de Janeiro.

Como não havia a possibilidade de analisar detalhadamente todos os materiais didáticos e de cunho religioso encontrados, optou-se pelo seguinte critério de seleção: descartar os exemplares encontrados nos acervos institucionais que não foram reconhecidos pelas pessoas visitadas e manter àqueles encontrados tanto nesses acervos quanto nos acervos privados. Entre os materiais didáticos presentes em ambos os acervos, outros critérios de seleção contribuíram para delimitar o objeto de estudo. Por exemplo, o fato de encontrar cinco exemplares da Cartilha *Fibel für Deutsche schulen in Brasilien* (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil) da Rotermund, o que indicava a expressiva circulação dessa cartilha na região, que também foi reconhecida por duas pessoas entrevistadas como sendo a cartilha com que foram alfabetizadas. A outra cartilha escolhida a *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica) da editora Concórdia, por ter sido encontrada junto às famílias visitadas e reconhecida por uma das pessoas, que apesar de não possuir mais a cartilha, a indicava como o livro utilizado em sua alfabetização. Assim, privilegiaram-se os indícios de significativa circulação e uso dessas duas cartilhas.

Ambas as cartilhas foram produzidas visando um determinado público, sendo que se trata de material didático em alemão direcionado para as séries iniciais das escolas sinodais, contemplando uma grande quantidade de ilustrações que apresentam peculiaridades na forma de apresentação e na relação com o método de ensino da leitura e escrita. Portanto, buscou-se analisar as imagens para assim compreender qual a relação das mesmas com o texto e o contexto para o qual se destinavam, bem como as técnicas de organização, ou seja, como as imagens estão postas no livro para contemplarem o objetivo visado pelos autores e editores.

2 - Um olhar sobre a cartilha: organização e apresentação

Para melhor perceber a proposta de ensino-aprendizagem das editoras por intermédio de imagens buscou-se fazer uma análise da forma como as ilustrações estão expostas nos dois livros escolares: A Cartilha *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil) da editora Rotermund, e a *Cartilha Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica) da editora Concórdia. O primeiro aspecto que deve ser salientado é que embora essas cartilhas atendessem escolas brasileiras, a língua era alemã. Sendo que eram produzidas especialmente para atender às comunidades teuto-brasileiras, que mantinham uma educação autônoma sob a liderança dos sínodos religiosos. A imagem a seguir apresenta a capa das cartilhas:



Figura 01- Cartilha para as escolas alemãs no Brasil. “Editora Rotermund”.



Figura 02- Cartilha para Ler e Escrever - ensino para educação básica. “Editora Concórdia”

Para falarmos sobre o conteúdo ilustrativo presente nos manuais escolares é importante que antes façamos um exercício de olhar a materialidade das

cartilhas. Sendo que um não pode ser dissociado do outro, pois, assim como, o conteúdo e a proposta de ensino são produtos de um período específico, da mesma forma a materialidade o é, ou seja, a estrutura física do livro bem como o modo de organização das cartilhas são produtos com as características desse período. Frade (2010) afirma que a “observação da mise en page e de aspectos da materialidade também nos permitem compreender mais amplamente a relação entre o livro e as práticas culturais de seu uso.” (p172).

Sendo que para compreender a relação imagem-texto com o público para o qual ela foi produzida, é fundamental fazer uma análise da forma de organização da cartilha. Ou seja, constituir um parecer sobre os aspectos físicos, bibliográficos e tipográficos, pois esses em conjunto com as ilustrações constituem a obra. Nesse sentido, Batista e Galvão (2009), fazem referência à importância dos protocolos de leitura sendo que são eles que vão indicar as formas de leitura. Nesse sentido, a pesquisa em materiais didáticos requer “buscar nos próprios textos e na materialidade do impresso, marcas indicativas que permitem a reconstrução do leitor pensado pelo autor e/ ou editor no momento da produção do objeto de leitura”. (BATISTA e GALVÃO, 2009, p. 29).

Podemos perceber assim que tão importante como o conteúdo presente no livro, são as características físicas da obra, bem como os protocolos de leitura. Pois, como produto de uma época o livro didático possui também as suas limitações, os seus direcionamentos, sua tipografia e as suas ilustração, ou seja, a forma de apresentação e organização reflete no resultado final. Nessa perspectiva de livro como objeto, Chopinn (2002) coloca que um manual didático não é um livro que lemos, mas um instrumento que usamos. E esse livro como instrumento usado para estudar, possui formato, papel, capa, páginas entre outras características materiais. A esse respeito, Cardoso (2005) complementa dizendo que:

Quando se fala em design de livros, deve-se considerar o tratamento dispensado ao objeto como um todo, desde a sua construção tridimensional (tamanho, papel, encadernação) até a sua impressão, diagramação e ilustração. (CARDOSO, 2005, p.176).

Portanto, iremos contemplar alguns aspectos que compõem a materialidade dos livros analisados. Tratam-se de livros didáticos produzidos na segunda década do século XX, sendo que a Cartilha referente à figura (1), a *Fibel*

fuer deutsche Schulen in Brasilien (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil), a qual tivemos acesso, foi impressa no ano de 1927, pela editora Rotermund ligada ao Sínodo Sul-Rio-Grandense. E a segunda cartilha, correspondente à figura (2), chamada de *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever- ensino para educação básica) impressa pela editora Concórdia ligada ao Sínodo de Missouri. Essa não traz a informação do ano da impressão, porém como o Sínodo fundou a sua editora no Brasil no ano de 1923, sua impressão data, provavelmente, na segunda metade da década de 1920. Portanto, ambas foram produzidas no mesmo período, década de 20.

Como as duas cartilhas apresentam diferentes características materiais é importante apresentá-las separadamente, sendo que isso facilitará a compreensão da especificidade de cada uma, ou seja, qual a proposta de ensino expressa em formas tipográficas e visuais nestes livros.

2.1- *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil).

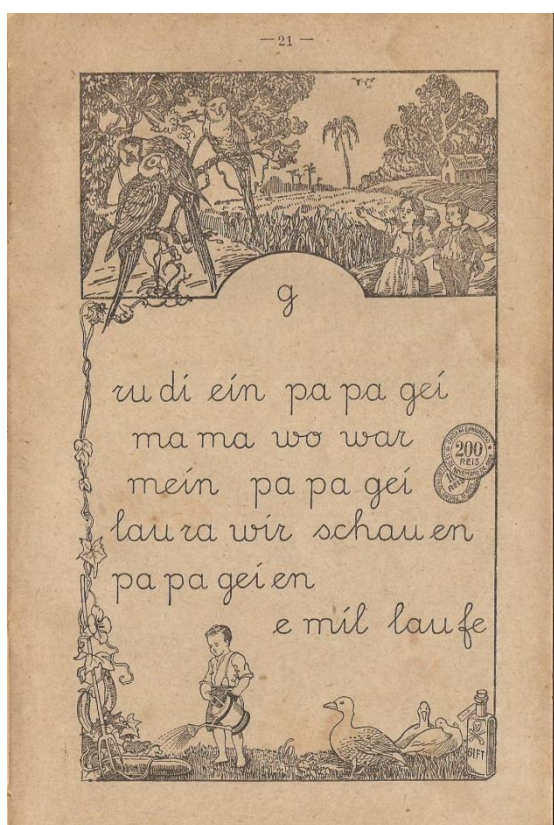
A cartilha *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil) da editora Rotermund, de 1927, é a terceira edição da cartilha sobre a autoria de Reinaldo Heuer. Na cartilha há a informação de que a mesma é uma reedição inalterada da segunda edição. Esse autor, segundo Kreutz (1994), passou a reelaborar essa cartilha a partir de 1917, sendo que antes dessa data já teria havido treze edições da mesma cartilha sobre a autoria de Wilhelm Rotermund e Nack, a primeira publicada em 1878. Assim, em 1917, sobre responsabilidade de Heuer a cartilha passou a ter uma nova contagem de edição.

Durante a análise não foram encontrados indicações do provável editor e ilustrador, provavelmente o próprio Heuer tenha também se encarregado da edição da cartilha, sendo ele o autor. No entanto, há a necessidade de uma busca mais aprofundada, e seriada para termos informações mais detalhadas, especialmente, em relação à identidade do ilustrador.

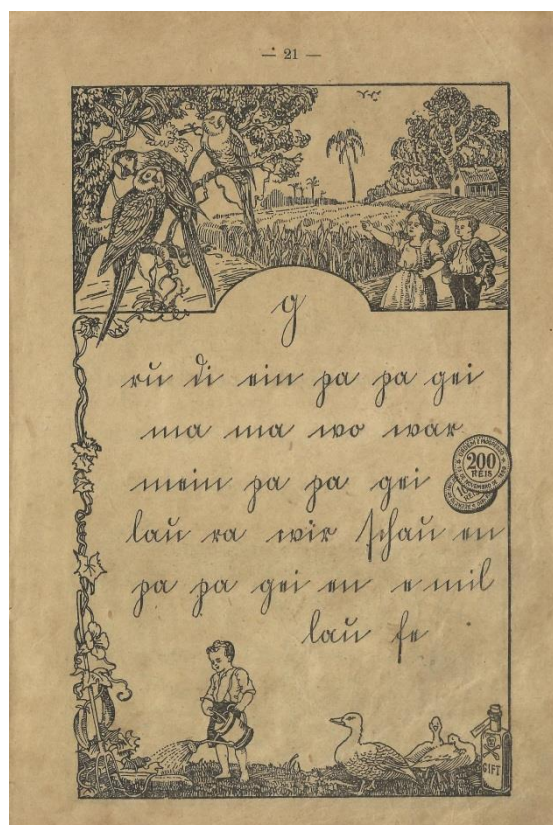
Quanto à materialidade da cartilha, trata-se de um manual didático que apresenta às características comuns a maioria dos livros daquele período, com 21 centímetros de altura por 14 centímetros de largura e 1,5 de espessura. Possui

capa dura, envolto por um papel tesaurizado cor amarronzada com escrita preta e sua lombada é do tipo brochura ou quadrada, na qual as folhas são presas entre si, por uma costura, e assim são unidas por uma capa de papel mais mole, que as fixa ao material da capa, pela lombada. A cartilha possui um total de 186 páginas, as folhas são parecidas com um papel jornal, porém mais denso, deixando transparecer levemente as fibras usadas na fabricação do papel, sendo totalmente impressa em preto e branco.

Entre as informações de apresentação consta que a mesma é a edição B, de ortografia latina. Isso porque a mesma cartilha era impressa em duas versões a Edição A (ausgabe A- Deutsche schrift) ou escrita alemã, sendo a letra gótica, e a edição B (ausgabe B-lateinschrift) de escrita latina. As duas figuras abaixo representam uma versão de cada edição.



Figura, 03-Edição B (Ortografia Latina), p.21



Figura,04-Edição A (Ortografia Gótica)p. 21

Conforme exposto acima, as figuras (3 e 4) representam as duas versões de uma mesma cartilha. Como podemos notar a única diferença entre ambas é a letra, no restante ela é igual, inclusive o número da página em cada livro é o mesmo. Segundo Kreutz (1994), essa forma de impressão em duas versões de

escrita foi adotada por R. Heuer¹⁸, em 1924, sendo que as edições anteriores possuíam uma única versão.

No primeiro parágrafo da apresentação do livro identifica-se um protocolo de leitura que aponta para as vantagens do uso de imagens, indicando que os primeiros exercícios preparados para o ensino da escrita e da leitura, eram exercícios de fala nos quais a criança devia ser capacitada a repetir as palavras de forma clara pelo professor. O texto lembra ainda que para educar o aluno de forma que ele prestasse atenção era mais proveitoso que o professor mostrasse as figuras da cartilha, e desenvolvesse frases e singulares relacionados e inclusive os deixassem criar algumas.

A Cartilha é um volume único que compreende os livros do primeiro e do segundo ano escolar e ainda traz em anexo um apêndice ilustrativo ensinando a fazer origami - objetos de papel dobrado. Porém, iremos direcionar a nossa análise para o primeiro ano escolar, que corresponde as primeiras 92 páginas da cartilha. A opção por analisar o primeiro ano escolar se justifica pelo fato de apresentar um grande número de ilustrações, pois elas estão presentes em 58 das 92 páginas do primeiro ano, sendo que nas primeiras 41 páginas as imagens compreendem quase a totalidade do conteúdo apresentado. E as outras 17 ilustrações ocupam um terço da página, localizadas na parte superior, sendo que algumas delas repetem a parte superior de ilustrações das primeiras páginas onde se apresenta o alfabeto. Como se estivesse ocorrendo um exercício de recordar a lição a partir da imagem num momento em que já está se trabalhando com a inserção de pequenos textos. E também com formas diferentes de escrita, passando do uso da letra cursiva para a letra de forma.

Contudo, Frade (2010) aponta que não devemos estabelecer significados para tudo o que vemos nos livros e trazer suposições por alguns indícios, ou seja, não podemos afirmar que a intenção era de um exercício de memória ilustrativa. Pois a repetição de gravuras pode se tratar ainda da falta de recursos ilustrativos, ou algum outro método que ainda precisa de uma análise seriada. Visualizando as duas próximas figuras podemos perceber essa reiteração de imagens.

¹⁸ Durante a pesquisa não foi possível obter respostas sobre os motivos que teriam levado Heuer a produzir a cartilha Fibel em duas edições, uma com letra cursiva e outra com letra de forma a partir de 1924. O que pode se constatar que a partir de Heuer a Cartilha passou a ter uma nova contagem, porém pesquisas futuras serão necessárias para apontar respostas mais conclusivas.



Figura 05- 1º imagem do Caçador, p. 30 da Fibel | Figura 06- 2º imagem do caçador, p. 73 Fibel

Observando as figuras acima podemos perceber que a gravura superior nas duas páginas é a mesma. Quando nos referimos a um exercício de memória a hipótese se justifica pelo fato de que em ambas estar se ensinando a letra J de Jäger (caçador). A diferença é que na primeira tem-se o ensino da letra cursiva para a criança se familiarizar com a escrita. Na segunda temos o ensino da letra J em maiúsculo e a escrita em letra de forma, e um texto mais extenso¹⁹.

Quanto aos recursos gráficos, a cartilha, trabalha os dois métodos de escrita, começado pela escrita cursiva, articulada como a linguagem visual nas primeiras 41 páginas. Indicando que a criança era primeiro familiarizada ou alfabetizada, com o método cursivo tendo como suporte um contexto ilustrativo que dialoga com o texto e com a letra ensinada. Para nas próximas 51 páginas ter

¹⁹ Com o passar dos anos o tipo de letra adota para a alfabetização sofreu uma inversão, da letra cursiva passou a se usar a letra de forma. Segundo BRITO (2002) O ensino da escrita manual no Brasil passou por alterações que foram representativas das demandas de cada período histórico. Sendo assim ao contrário do que acontecia no início do século XX, quando tínhamos uma grande quantidade de materiais produzidos em letra cursiva e caligrafia, na atualidade vivemos sobre a influência do discurso da Psicogênese. Para CAMINI (2010); [...] a partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky sobre as hipóteses de escrita formuladas pelas crianças, disseminou-se a ideia de que o uso de letras soltas (de fôrma ou script) no início da alfabetização seria ideal, tendo em vista que a criança utilizaria entre seus critérios de raciocínio sobre a escrita a quantidade e a variedade de caracteres grafados ao escrever. Com o uso da escrita cursiva, o raciocínio sobre a quantidade de caracteres escritos poderia ficar comprometido pela emenda entre as letras [...] p.104.

contato com a letra de forma e um texto mais extenso, diminuindo o suporte ilustrativo que passa a ocupar somente a parte superior das páginas.

Outro aspecto observado, é que provavelmente o método silábico era o utilizado para a alfabetização, uma vez que as palavras são apresentadas, em praticamente toda a cartilha separada em sílabas. Porém, o recurso gráfico de separação de sílabas utilizado é de espaçamentos simples para separar sílabas e de espaço duplo para separar palavras. Sendo esse o único recurso mantido no decorrer de toda a cartilha. A figura a seguir demonstra a manutenção do recurso silábico ao longo da Cartilha.

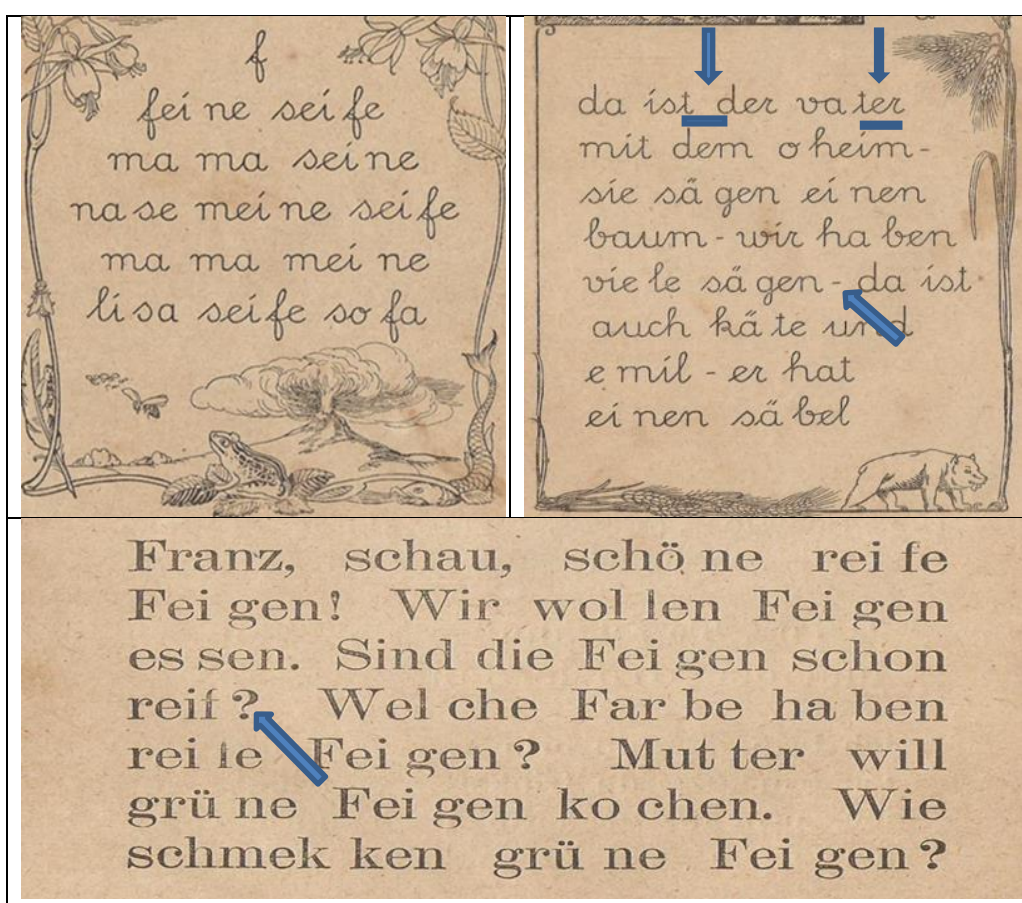


Figura 07²⁰ - O método silábico, páginas 8, 29 e 64 da Fibel

A figura acima montada a partir de páginas da Fibel, demonstra que o método silábico é contínuo na cartilha. A esse respeito, Frade (2010), afirma que o modo de apresentação não pode ser vinculado apenas a um método, segundo ela há um peso cultural na utilização do recurso de divisão de sílabas. Ou seja, em algumas culturas é dada certa importância ao ensino reforçando a soletração

²⁰ As flechas postas nas imagens servem para destacar os métodos de ensino descritos abaixo.

de articulação de sons e fônicos. Mas é interessante notar que ao longo da cartilha há o acréscimo de recursos tipográficos, ou seja, no começo ela não separa frases, passando num segundo momento a adotar o recurso do hífen, para identificar frases. Para em um terceiro momento incorporar a pontuação. Porém o recurso de separação silábica se mantém.

2.2- Cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever- ensino para educação básica).

A intenção nesse capítulo não é discutir o papel da ilustração na cartilha, mas fazer a apresentação física e tipográfica da mesma. Sendo assim, a cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever- ensino para educação básica) da editora Concórdia, é de autoria de Neue Gerie, a mesma não traz o ano em que foi produzida, porém considerando a data de criação da editora, conclui-se que após 1923. O mesmo acontece em relação ao editor e ilustrador, sendo que tais informações não foram encontradas durante o período pesquisado. A ausência do ano de produção é recorrente em outras cartilhas do sínodo, inclusive nas que foram produzidas nos Estados Unidos²¹ e circularam aqui antes da fundação da editora Concórdia no Brasil.

A cartilha possui altura de 20 centímetros e largura de 13 centímetros e aproximadamente 1 centímetro de espessura na lombada, é do tipo brochura sendo as folhas presas entre si por uma costura e cola, e assim unidas por uma capa de papel mais mole, que as fixa ao material da capa. A composição da capa é dura, coberta por um papel tesaurizado, e traz uma apresentação visual, com a ilustração de duas crianças, uma sentada à mesa e a outra escorada em seu ombro dividindo o mesmo livro. Apesar da Cartilha não trazer protocolos de direcionamento de uso, nota-se a importância dada à questão da apresentação. Nesse sentido, ao analisarmos cartilhas produzidas para escolas sinodais, devemos considerar que o significado do livro não está apenas no seu conteúdo escrito, mas é relevante buscar perceber a forma como se apresenta. Podemos

²¹ O Livro *Erstes Lesebuch; für Evangelisch Luteherische Schulen* (Primeiro livro de Leitura da Escola Evangélica Luterana) da Concórdia Publishing House, é um exemplar encontrado durante a pesquisa e teria sido usado nas escolas do Sínodo de Missouri antes da produção local. O mesmo também não traz o ano de produção e apresenta uma organização estrutural bastante semelhante ao *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever- ensino para educação básica).

observar que além de uma boa apresentação estética provavelmente essas imagens reforçam a importância dada à educação e ao comportamento em sala de aula, sendo que a contracapa também ilustra um menino sentado de forma alinhada, com seus livros abertos na carteira da escola. Somente para ilustrar tal afirmação às duas figuras a seguir são imagens da capa e da contracapa da cartilha *Schreiblesefibel*.



Figura 08- Capa da Cartilha Schereiblesefibel.



Figura 09- Contra-capa da cartilha Schereiblesefibel.

Para Cardoso (2005), a capa típica dos livros no Brasil, por volta da década de 1920, era apenas a reprodução em papel cinza e amarelo, dos caracteres tipográficos que apareciam na página de rosto. Ilustração na capa tratava-se de uma técnica ainda pouco usada no Brasil. Portanto, trata-se de uma inovação para o período. Não sabemos se a editora adotou a prática no Brasil ou se já usava tal técnica nos Estados Unidos. Portanto, estudos mais específicos sobre as editoras do Sínodo de Missouri podem nos apontar informações sobre o uso de imagens nas capas das cartilhas.

Na parte interna possui um total de 62 páginas, produzidas com folhas com aparência de jornal, mas com uma textura mais densa, tendo sua impressão em preto e branco. Assim como a *Fibel*, a Cartilha *Schreiblesefibel* também era composta pelo livro do primeiro e segundo ano escolar, assim, nos detemos a analisar as primeiras 33 páginas que correspondem ao primeiro ano. Nestas páginas há 35 ilustrações, a cada nova letra ou texto apresentado uma nova ilustração. A letra adotada pela cartilha é a gótica²², um tipo de escrita desenhada com muitas peculiaridades e que dão a elas um aspecto sofisticado. As imagens a seguir ilustram a tipografia adotada bem como o método de ensino, e organização da escrita.

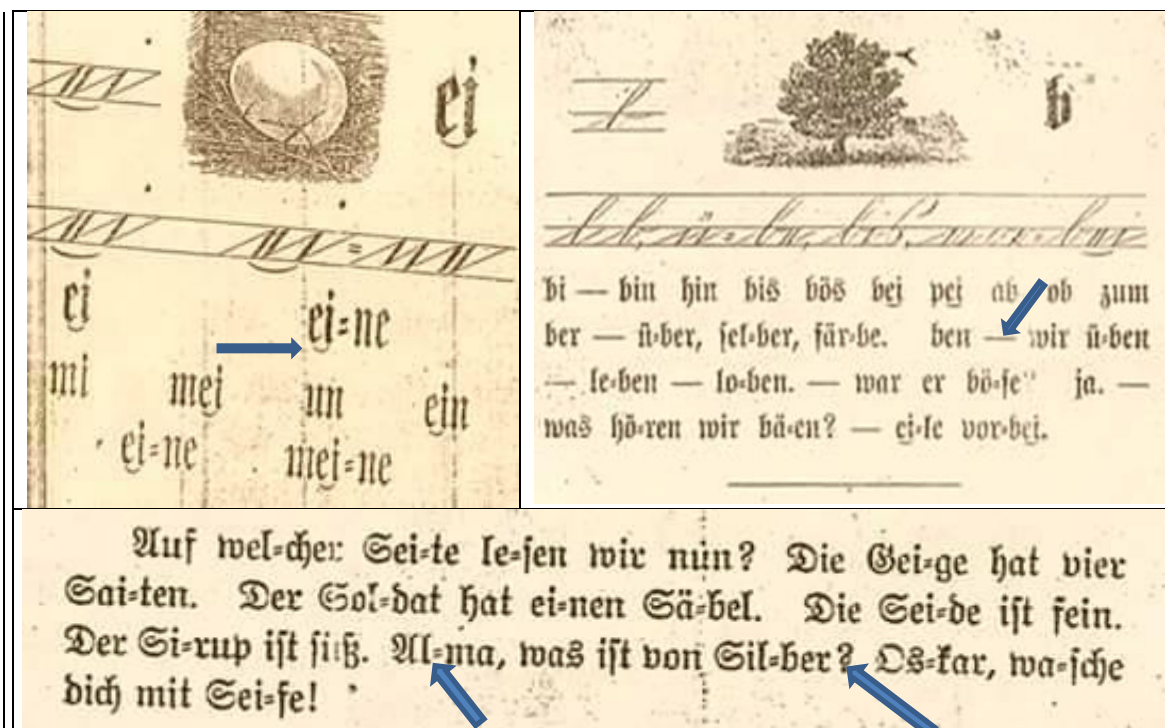


Figura 10²³ - Montagem de recortes das páginas 6, 15 e 24 da *Schreiblesefibel*.

Conforme indica a figura acima, o estilo de letra gótica é o único adotado em toda a cartilha. Assim como na *Fibel* o método silábico é presente em toda a cartilha, alguns dispositivos na organização do texto podem ser destacados nesse sentido. Percebemos um sinal com dois traços paralelos entre algumas sílabas, este é usado para indicar a união das sílabas para formar a palavra, já o encontro

²² A letra gótica foi um estilo de escrita caligráfica que surgiu na Europa, a partir do século XI na baixa Idade Média, inspirado nas formas dos arcos ogivais amplamente utilizados nas catedrais góticas do período apresenta letras angulosas e com linhas quebradas e curvas. Fonte; <http://www.tiposeletras.com.br/tag/letra-gotica/> (acessado, 30/11/2016)

²³ As flechas postas nas imagens servem para destacar os métodos de ensino descritos abaixo.

vocálico é trabalhado com um traço curvo abaixo das letras, identificando a ligação das vogais. A separação de frases é marcada pelo sinal de hífen, para num segundo momento incorporar a pontuação nos textos.

Mesmo a cartilha não tendo um texto inicial que apresente o conteúdo e direcione o trabalho do professor, as imagens podem indicar alguns aspectos. Nesse caso as imagens deixam subentendido alguns direcionamentos, como já lembrado por Weiduschadt (2012), o material do Sínodo de Missouri era elaborado tendo como foco formar um cidadão leitor cristão. Considerando a colocação de Weiduschadt (2012), podemos constatar alguns direcionamentos no sentido de trabalhar focando no ensino da boa escrita como deixa subentendido a presença ilustrativa da caligrafia que se mantém presente em todas as páginas da cartilha.

As figuras 11 e 12 demonstram a presença de linhas de caligrafia, com a escrita cursiva das letras, indicando que a forma cursiva e de forma impressa da letra eram apresentadas simultaneamente.



Figura 11- Imagens e Caligrafia, página 13 da Schreiblesefibel.

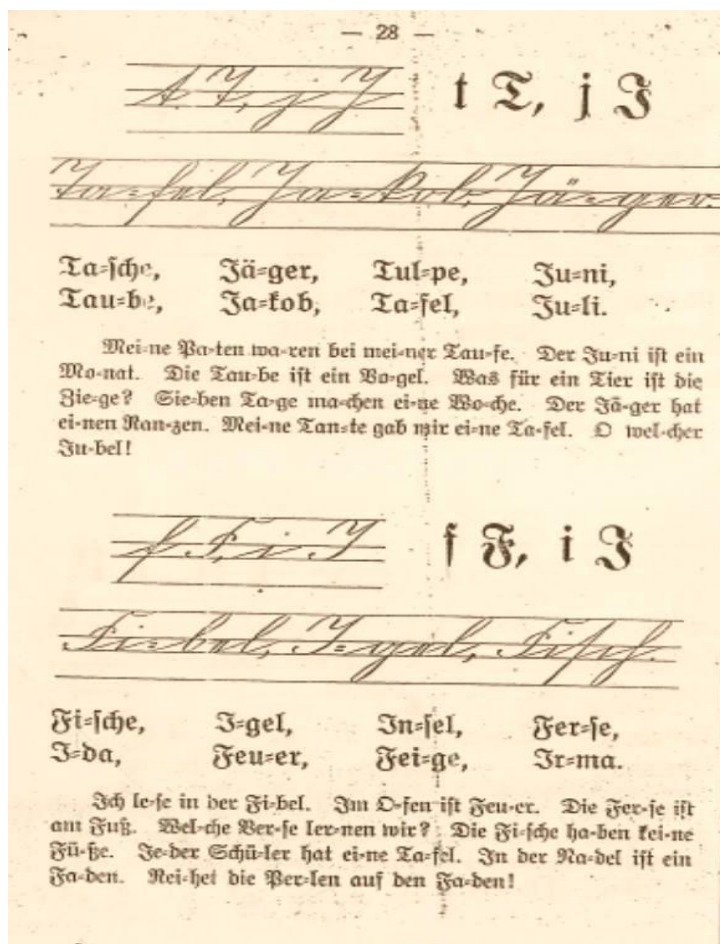


Figura 12- Caligrafia sem Imagem, página 28 da Schreiblesefibel.

A Cartilha *Schreiblesefibel* segue uma organização que traz a caligrafia presente em todas as páginas, e a suas imagens vão dando lugar a textos mais extensos conforme vai aumentando o aprendizado. Porém, vale ressaltar que o sinal do hífen perde lugar para a pontuação nos textos, mas o método de separação de sílabas com o sinal de igual em conjunto com a caligrafia se mantém durante toda a cartilha.

No capítulo a seguir iremos primeiro realizar uma revisão bibliográfica de autores que discutem métodos de análise de imagens em livros escolares, bem como relações de representação de contexto em livros didáticos e métodos de ensino através de imagens para em um segundo momento realizarmos a análise das fontes.

3 Lendo imagens: encaminhamentos teórico-metodológicos e análise das fontes

Para estabelecer uma reflexão sobre as relações entre imagens e textos verbais nas cartilhas de alfabetização das escolas sinodais é preciso analisar as relações sociais estabelecidas no contexto onde elas se encontram inseridas, para conhecer o papel desempenhado pelas cartilhas. Portanto, para estudar o uso e o manuseio de imagens em material didático, bem como tentar entender as formas de apropriação é preciso pensar primeiro para que tipo de público ele foi produzido, e estabelecer uma correlação entre os objetivos do autor com a pertença social, ou seja, buscar compreender a relação texto-imagem e público alvo do livro. Nessa percepção Eco (2004) traz que:

[...] prever o próprio Leitor-Modelo não significa somente “esperar” que exista, mas significa também mover o texto de modo a construí-lo. O texto não apenas repousa numa competência, mas contribui para produzi-la. (ECO, 2004, p.40)

Nesse sentido, o autor ao produzir um texto está buscando um determinado leitor, porém para o autor ter êxito subentende-se que ele seja conhecedor do público para o qual produz. Principalmente, quando se trata de linguagem visual, pois a ilustração é uma margem de interpretação, em que o seu uso didático pode facilitar ou dificultar a interpretação. Ou seja, quando o autor prevê o seu leitor, ele pensa estratégias em sua produção textual que venha conferir competências aos seus conteúdos, para contemplar o contexto do seu leitor. Segundo Eco (2004), ele deve aceitar que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo a que se refere o próprio leitor. Logo o texto visual deve refletir o contexto em que o destinatário está inserido, dando a ele potencialidade significativa, fazendo com que o leitor o perceba, reconheça e o atualize.

Para Joly (1996), é difícil dar uma definição simples quando se fala de imagens, mas que apesar da diversidade de significações:

Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (JOLY, 1996, p.13).

Portanto, devemos olhar a imagem buscando estabelecer significados e significações, ou seja, quais as ideias se exprimem por trás daquela imagem. O

que ela tenta passar para os seus leitores e que tipo de leitor ela procura atingir. Ainda, para esta autora, a imagem é antes de mais nada algo que se assemelha a outra coisa, ou seja, ela traz um significado:

A primeira consequência dessa observação é constatar que esse denominador comum da analogia, ou da semelhança, coloca de imediato a imagem na categoria de representação [...] Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que ela é percebida como signo²⁴. (JOLY, 1996, p.39)

Portanto, as ilustrações nos livros didáticos refletem a representação da sociedade em determinada época ou de um determinado público para o qual ela é produzida e pensada. Assim, é papel do autor as formalidades da escrita produzindo os efeitos necessários para uma boa leitura. Porém, para Chartier (2011), o que aproxima ou direciona o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, são as intenções editoriais:

[...] a disposição e a divisão do texto sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto. (CHARTIER, 2011, p.97)

Segundo Belmiro (2008), as linguagens visuais nos livros didáticos direcionados à alfabetização servem como alicerce para chegar à escrita. Há nesse sentido uma tentativa de buscar no real, maneiras de representar o mundo, para dar a criança uma motivação do significado alfabético. Temos, portanto, uma utilização pedagógica onde as imagens, junto com o alfabeto ou texto assumem o posto quando se pensa e se propõe uma metodologia de ensino com base em ilustrações que podem ser identificadas a partir do conhecimento visual da criança. Para Belmiro (2008), trata-se de uma alfabetização cultural, que se dirige aos conhecimentos e saberes que o cidadão deve possuir, para participar da vida em sociedade. Assim, a imagem coloca-se como uma das grafias que estão envoltas por práticas sociais que faz com que a criança se perceba dentro daquele espaço. Nessa perspectiva Belmiro (2008) aponta que;

[...] imagens nos levam a desenvolver um senso de pertencimento e a adentrar mundos que, para serem compreendidos, requerem uma

²⁴ **Signo:** [Linguística] Ligação associativa entre o significado e o significante (dicionário português online) <http://www.dicio.com.br/signo/>

consciência de nós próprios frente ao estado de coisas; é o caso das imagens de cunho social, carregadas de histórias, sentimentos e ideologia. (BELMIRO, 2008, p.29)

Portanto, o papel da ilustração no livro didático é pensado de uma forma que ela possa estabelecer uma relação com o leitor, ou seja, provocar o reconhecimento daquilo que está sendo representado. Dessa forma, a imagem é usada nos livros de anos iniciais como mediadora que introduz as crianças no mundo letrado. Assim, ela é pensada como auxiliar no ensino do alfabeto, na descoberta das primeiras palavras e na contextualização do espaço. Para Rossi (2011), o aluno estabelece essa relação quando demonstra acreditar que a imagem é literalmente a representação do mundo das coisas que existem ou acontecem. Segundo Belmiro (2008), a imagem controla a imaginação, preenchendo espaços vazios a partir de representações conhecidas. Ou seja, o aluno tem na ilustração um objeto o qual reconhece como uma representação do seu mundo. Tornando-se assim um primeiro movimento em direção ao reconhecimento da letra.

Nesse sentido, as imagens têm um grande poder de convencimento, pois elas usam uma linguagem visual, que tem grande relevância nos materiais didáticos que são usados nos primeiros anos do ensino. Pois, servem de instrumentos para a aprendizagem da escrita. Seguindo essa linha de pensamento, entende-se que elas exprimem ideias, de quem as pensou e reproduziu com o objetivo de provocar atitudes interpretativas em quem as observa. De igual modo, Joly (1996), afirma que as imagens não precisam necessariamente seguir regras de construção, mas ter a função de provocar a ilusão da realidade;

[...] Se essas representações são compreendidas por outras pessoas além das que as fabricaram, é porque existe entre eles um mínimo de convenção sociocultural, em outras palavras elas devem boa parcela de sua significação a seu aspecto de símbolo [...] (JOLY, 1996, p.40)

Portanto, as imagens ocupam um papel de destaque nos livros de séries iniciais, e além de servir de suporte para o aprendizado da linguagem, carregam consigo uma intenção autoral que pode ir além de pensar a imagem como simples auxílio na aprendizagem. Mas ela pode ser usada intencionalmente para direcionar o olhar da criança a se perceber parte de uma determinada cultura. Nesse sentido, ocorre um processo de assimilação e acomodação, o que Nosella

(1981) chama de uma maneira direcionada de perceber o mundo, na qual as crianças submetidas à inculcação de uma determinada ideologia, não irão apenas aprendê-la, mas terão toda a sua estrutura de pensamento impregnada por ela.

Assim, a imagem exerce uma função pedagógica e também ideológica, ou seja, ela sinaliza a forma de ler e interpretar o texto. Gramsci (1968), já dizia que a consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais das pessoas que as cercam. Da mesma forma podemos dizer que a ilustração no livro didático pode ser usada num sentido de afirmar as relações sociais do meio em que ela se encontra inserida. Para Dietzsch (1996), existe uma intenção dos autores de livros de séries iniciais em reforçar a presença dos símbolos²⁵, durante a alfabetização.

Nota-se a preocupação dos autores em iniciar os alunos na decifração de símbolos e códigos antes que tenham contato com as letras. Parece que para se compreender o signo é sempre necessário passar antes pelo símbolo. (DIETZSCH, 1996, p.47)

Nesse sentido, a ilustração presente no livro didático é um importante suporte para auxiliar o professor na hora do ensino da leitura tornando-se uma possibilidade de interação com as palavras, aumentando o seu poder de convencimento. Estabelecendo uma relação entre o campo visual e cognitivo, dando a imagem um aspecto funcional durante o processo de aquisição de conhecimento. Portanto a análise de ilustrações em livros didáticos se torna interessante, pois segundo Joly (1996), as imagens servem de suporte para a aprendizagem, ela lembra também que as imagens alteram o sentido dos textos e estes por sua vez mudam as imagens. Segundo Joly:

A verbalização da mensagem visual manifesta processos de escolhas perspectivas e de reconhecimento que presidem uma interpretação. Essa passagem do “percebido” ao “nomeado” essa transposição de fronteiras que separa o visual do verbal é determinado em dois sentidos. [...] quando uma imagem nos parece “semelhante” é porque é construída de uma maneira a decifra-la como deciframos o próprio mundo. As unidades que nela detectamos são “unidades culturais” determinadas pelo hábito que temos de detecta-las no próprio mundo (JOLY, 1996, p.72-73).

²⁵ **Símbolos:** Tudo o que representa, sugere ou substitui alguma coisa. Na literatura símbolo significa: Alegoria ou metáfora; palavra ou imagem cujo sentido designa um objeto ou qualidade, pela relação de semelhança entre eles. (Dicionário Português online) <http://www.dicio.com.br/simbolo/>

Com base nessas colocações, buscamos focar a pesquisa em perceber o papel que essas imagens exerceram em relação ao texto e o contexto ao qual a cartilha era destinada. Segundo Kreutz (1996), as escolas sinodais criaram toda uma estrutura de apoio com ampla rede de escolas, treinamento de professores e uma vasta produção de material didático a partir da realidade do aluno e adequado aos objetivos da escola teuto-brasileira. Portanto, tentar compreender o papel exercido pelas ilustrações presentes nas cartilhas de séries iniciais, pensada e elaborada para servir de suporte metodológico no auxílio do ensino e aprendizagem, voltada à inserção dos alunos nas estruturas locais, é uma análise que necessita de um olhar mais direcionado, sobre as próprias cartilhas, para assim se perceber qual a importância que a ilustração exerceu nesse processo, de produção de material didático voltado à realidade do aluno.

3.1- Teatralizando o cotidiano: a Linguagem visual da *Fibel*

Em relação ao conteúdo, a cartilha *Fibel* apresenta as letras do alfabeto, fonemas, frases e pequenos textos. Cada página é amplamente ilustrada, por contexto visual que remete às situações do cotidiano ou da realidade local. E pode se notar nas ilustrações a preocupação do ilustrador com a apropriação do ambiente rural, bem como, com a fauna e a flora típica do sul do país. Havia, portanto um cuidado de reproduzir nas cartilhas gravuras do contexto onde o seu público alvo está inserido fazendo com que houvesse um reconhecimento por parte do leitor. Nessa perspectiva, Joly (1996) aponta que a imagem é sem sombra de dúvida representação de algo e se está em harmonia perfeita com o seu emprego, pode nos permitir compreendê-la melhor.

A figura a seguir demonstra como se dava o uso articulado da imagem com a letra ensinada, ou seja, havia uma combinação visual que era pensada para que a criança aprendesse associando a letra ao objeto ilustrado.



Figura 13- O ensino do SCH, página 9 da Fibel.

A ilustração e o texto dessa página trabalham a união das letras SCH que formam um encontro consonantal. O que podemos perceber num primeiro momento é que a ilustração se estende por toda a página contornando o texto. Assim ela possui dupla função²⁶: servindo de margem para o texto escrito, tornando-o esteticamente bem apresentável, e ao mesmo tempo possui um caráter didático, sendo usada como feramente visual, auxiliando no aprendizado. Pode se perceber que a parte superior da página apresenta uma ilustração que remete a um ambiente rural, com características presentes no espaço geográfico do sul do país. Nesse sentido, Joly (1996), diz que quando olhamos uma imagem sempre devemos buscar ver para quem ela foi produzida, ou seja, que público leitor busca atingir.

²⁶ Essa dupla função das ilustrações da cartilha Fibel, pode ser percebida em outras cartilhas produzidas pela editora Rotermund. Como por exemplo, a Cartilha de Matemática Mein Rechenbuch (Meu livro de cálculo).

As crianças são colocadas como protagonistas na maioria dos textos e ilustrações presentes na Fibel, onde as frases se remetem a elas e por vezes, aparecem como se fossem pronunciadas por elas. Sendo que, se analisarmos a forma como as crianças estão expostas, paralelamente ao texto, na página 9 podemos inferir uma ação e uma reação, ou mesmo, uma pergunta e uma resposta. Como podemos verificar nas traduções para o português das quatro frases do texto representado na figura (13):

Leo feine schafe = Mimosas ovelhas do Leo!
Lina meine schafe = Lina, minhas ovelhas.
Lisa male eine schule = Lisa, desenha uma escola.
Lulu, mal meine schafe = Lulu, desenhe minhas ovelhas.

Tabela 01- tradução do texto da figura (13)

Ao analisarmos as ilustrações da figura 13, podemos identificar o método de ensino que se utiliza das imagens para apresentar a união das letras SCH, uma vez que, todas as imagens que contornam o texto escrito possuem SCH na escrita. Havia, portanto, a intenção de associar a letra a uma imagem presente no contexto diário do aluno, possibilitando a criança aprender por intermédio da ilustração. Para melhor compreensão busquemos mostrar a forma gramatical das figuras ilustradas na página nove (figura 13), em português e alemão. Conforme segue:

Ovelhas = Schafe	Guarda-Chuva = Regenschirm
Escola=Schule	Caramujo = Schnecke
Serpente = Schlange	Borboleta = Schmetterling
Laço = Schleife	Chave =Schlüssel
Navio = Schiff	Armário = Schrank
Pregar = Einschlagen	Bota = Schaftstiefel
Balanço = Schaukeln	Quadro de escrever = SchwarzesBrett

Tabela 02- Tradução das imagens da figura (13) para a forma escrita.

A relação entre texto visual e texto escrito é constante no decorrer da cartilha. Ou seja, é possível considerar que a ilustração é uma extensão do texto escrito, ou mesmo que, ilustração e texto se complementam. Joly (1996) aponta que a mensagem visual tem como objetivo estabelecer uma relação entre o homem e o mundo. Estabelecendo essa relação podemos verificar que toda a ilustração foi pensada para que a criança se veja num espaço familiar, no caso o ambiente rural e aprenda por intermédio das ilustrações presentes no livro didático a assimilar as letras ensinadas associando-as a esse contexto.

Assim, de uma forma lúdica, a criança também está sendo preparada para as atividades diárias no campo, aprendendo aquilo que é necessário saber para viver em ambiente rural. Nesse sentido, Faria (1984) aponta que o livro didático é usado também para conservar e justificar o sistema econômico. E que as ilustrações reforçam o conteúdo ideológico que se quer transmitir. O livro é pensado e elaborado para reproduzir práticas sociais, e também uma consciência daquilo que é considerado importante para uma determinada sociedade. Nesta perspectiva a imagem na *Fibel* foi pensada pedagogicamente para compreensão do conteúdo ensinado a partir do contexto para o qual foi produzida. Daí a importância dada a ilustração de crianças em atividades típicas de quem vive no campo, como colher a fruta que vai consumir. Tal qual reproduzido na figura a seguir:



Figura 14- colhendo frutas, página 5 da Fibel.

Como podemos notar a ilustração acima mostra uma atividade corriqueira de quem vive no campo, que é colher frutas no pé. Temos duas letras sendo ensinadas nessa página, o L e o O, cada uma delas destacada de um lado da ilustração. Essas letras são respectivamente referentes à inicial da fruta laranja, em alemão e em português, no caso, L de laranja e O de *Orange* (em alemão). Contudo, não se pode afirmar a intencionalidade em trabalhar as duas línguas simultaneamente, sendo que não foram encontrados outros indícios que possam confirmar a intenção de introduzir palavras em português. Pode assim se tratar de uma simples coincidência, necessitando, portanto de uma análise mais aprofundada, até mesmo em outras cartilhas da própria editora para averiguar se existem outras situações semelhantes.

O contexto rural encontra-se amplamente difundido nas páginas da cartilha, sendo que a grande maioria das ilustrações faz referência a atividades típicas do homem que trabalha no campo. E no conjunto as ilustrações mostram a relação do homem com a natureza, o trabalho, a fé, o saber e o lazer. Neste seguimento, Chartier (1999), traz que a leitura é sempre uma apropriação, invenção, e produção de significados, ou seja, de algum modo o leitor irá se apropriar da narrativa do texto e da ilustração e ressignificar socialmente a sua leitura.

Podemos perceber por trás de cada ilustração a narração de uma pequena história que foi pensada a partir da realidade da criança para contextualizar o ensino de uma determinada letra e seu uso gramatical. Sobretudo, o texto visual procurava ressaltar os valores e costumes difundidos nas comunidades rurais alemãs e pomeranas, teatralizando o que realmente é importante para viver bem em comunidade. Ou seja, o texto visual possui uma intencionalidade, seu conteúdo relacionado a vivência da criança é usado para formar nelas uma consciência social sobre o meio que estão inseridas, preparando-as para integrar e cooperar com o desenvolvimento da comunidade²⁷.

Nas duas figuras a seguir, que correspondem as páginas sete e quinze da Fibel, podemos visualizar essa retratação da importância dada ao trabalho, ao lazer, ao saber e principalmente a fé. Segundo Wille (2001) as instituições da vida religiosa e social dos imigrantes e seus descendentes giravam em torno da escola

²⁷ O termo **comunidade** aqui é empregado sociologicamente para se referir a pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, geralmente vivem no mesmo local, e compartilham o mesmo legado cultural e histórico. Ver MOCELLIM (2011).

e da igreja. Com base nessa afirmação podemos notar que a *Fibel* traz a igreja ilustrada tanto junto ao contexto de trabalho, quanto no ambiente escolar, o que evidencia a importância dada à religiosidade. A igreja está colocada sempre no campo de visão, ou seja, as duas imagens trazem um cunho teológico para que a criança perceba desde cedo que Deus é o provedor de todas as coisas. Wille (2001), afirma ainda que era inadmissível passar pela vida sem ter passado por estas instituições, igreja e escola, tradição que ainda é seguida na cultura pomerana.

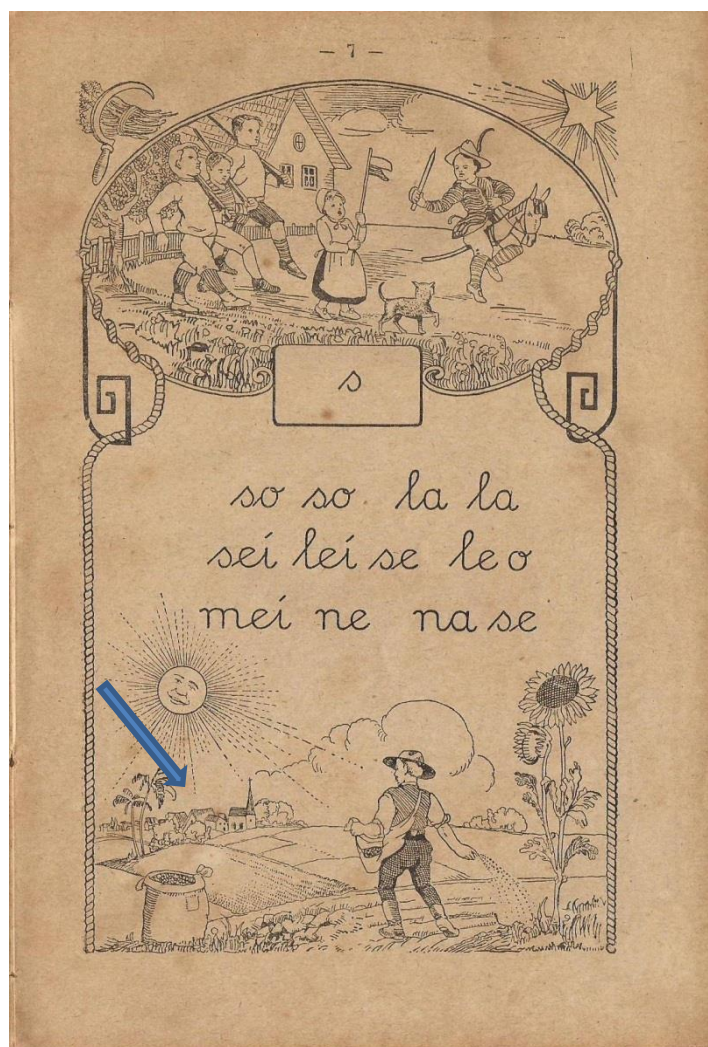


Figura 15²⁸ - A igreja presente no campo, página 7 da Fibel.

Na página sete (figura 15), que apresenta a letra S, duas imagens são ilustradas; na parte superior crianças brincando de soldado, ou *soldad* em alemão, ao pé da página temos a ilustração do campo onde um agricultor semeia

²⁸ As flechas postas nas imagens das figuras 15 e 16 servem para destacar a ilustração da igreja destacando a presença da religiosidade no cotidiano destes colonos.

a lavoura, *säen* em alemão. Assim, nestas imagens há a representação de três coisas muito significativas para as comunidades alemães/pomerânas: a religiosidade, com a ilustração da igreja no seu horizonte; o lazer, que está representada pelas crianças brincando fantasiadas de soldados, com cavalo e armas de brinquedo; e o trabalho na terra, lugar de onde tiravam o sustento. Para além do que é exposto, as duas situações ilustradas contemplam imagens de palavras escritas com a letra S,. Como podemos observar na tabela abaixo, que traz a descrição em português e alemão das imagens da figura (15).

Soldado = Soldad	Sol = Sonne
Semear = Säen	Corda = Seil
Semente = Samen	Foice = Sichel
Saco = Sack	Estrela = Stern
Girassol = Sonnenblume	

Tabela 03-Tradução das imagens da figura (15) para a forma escrita

Conforme podemos perceber todo o contexto da ilustração foi pensado e elaborado para contemplar o ensino da letra S. Além disso, as imagens usadas se adequam perfeitamente ao contexto de vivência diária das crianças.

Considerando a relação entre igreja e escola, notamos que na figura 15 a igreja está no campo de visão do trabalhador, já na imagem ilustrada na figura 16, a seguir, a igreja está no campo de visão dos estudantes:

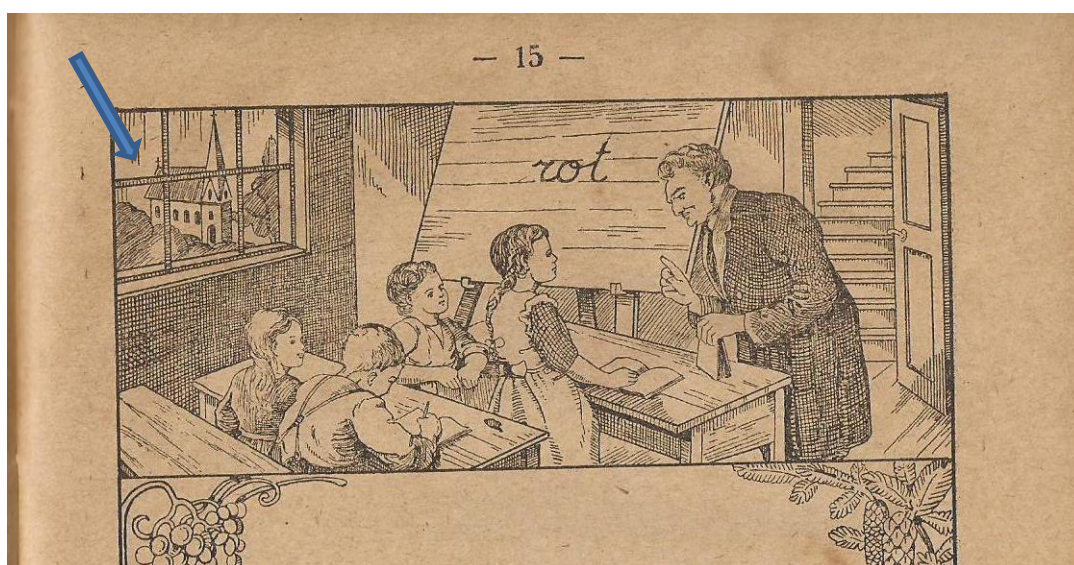


Figura 16- A igreja e a escola lado a lado, página 13 da fibel.

Observando a figura acima notamos que da janela da escola pode se ver a igreja, uma representação da presença constante dessa instituição. Para Kreutz(1996), essa relação que os teuto-brasileiros têm com a escola e a igreja é parte de uma tradição secular consequência da Reforma²⁹ do século XVI. A imagem da igreja aparece em seis contextos diferentes durante a cartilha, evidenciando a vinculação religiosa da mesma, que tem sua origem ligada a um sínodo religioso. Assim, embora os textos verbais não apresentem uma mensagem religiosa em seu conteúdo, o texto visual, enquanto dispositivo de leitura, apresenta uma mensagem teológica, ou seja, a igreja que representa a presença constante de Deus.

As referências ao Rio Grande do sul também podem ser percebidas nas ilustrações que trazem particularidades diretamente voltadas a cultura do sul do país, com homens pilchados, o chimarrão, o rodeio e o andar a cavalo, como podemos observar na figura seguir:

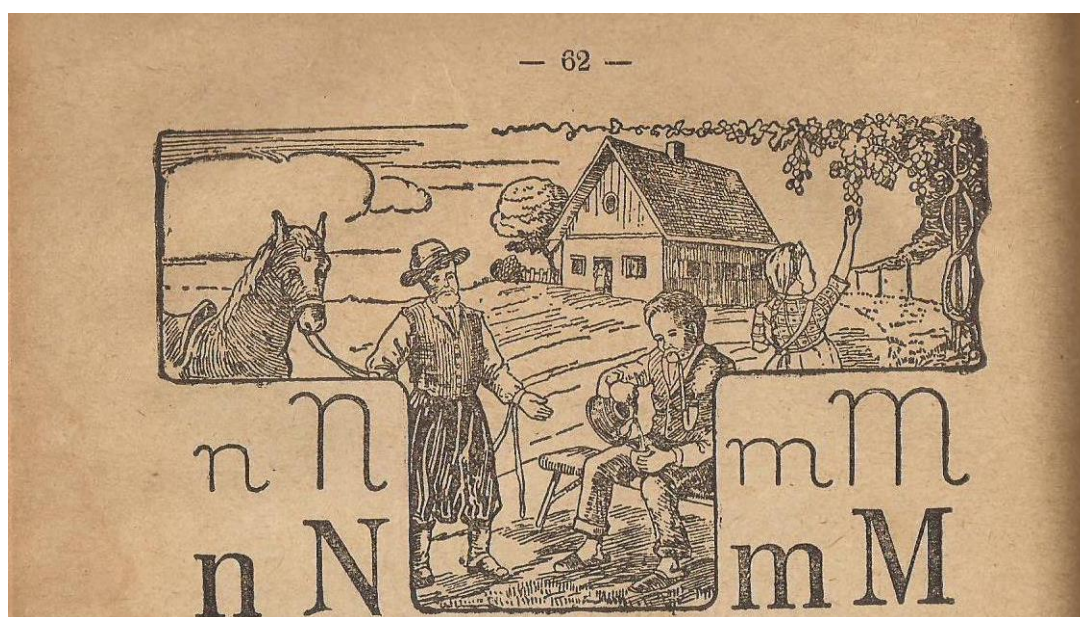


Figura 17- Gravura com mescla de cultura gaúcha e alemã. Página 62 da Fibel

Esta ilustração reproduz um pouco do que podemos chamar de mescla de culturas, fruto da convivência do alemão com o gaúcho. Na imagem a casa, bem como, a forma de vestir da senhora que está colhendo frutas, e do senhor que

²⁹ **A Reforma Luterana** foi um movimento de caráter religioso, surgido na Alemanha na segunda década do século XVI, liderado por Martinho Lutero. Este movimento criticava várias ações da Igreja Católica, propôs novos caminhos para o cristianismo e entre eles a livre interpretação da Bíblia entre outras reformas que resultou na criação da Igreja Luterana.

está sentado, reproduzem as formas de construir³⁰ e vestir do colono germânico. Contudo, o fato dele estar servido um chimarrão e dialogando com o senhor pilchado, com seu cavalo do lado, representa a boa convivência entre vizinhos, e entre costumes e tradições.

O bioma do Rio Grande do Sul como sua fauna e flora e seu relevo também estão presentes nas ilustrações. Percebe-se que houve o cuidado de ilustrar cenas que valorizassem a paisagem local. A próxima figura reproduz uma atividade típica da campanha gaúcha, no início do século XX, que é pastorear o gado, com destaque para os coqueiros e a figueira, que são duas espécies de árvores típicas, facilmente encontradas na paisagem do Rio Grande do Sul.

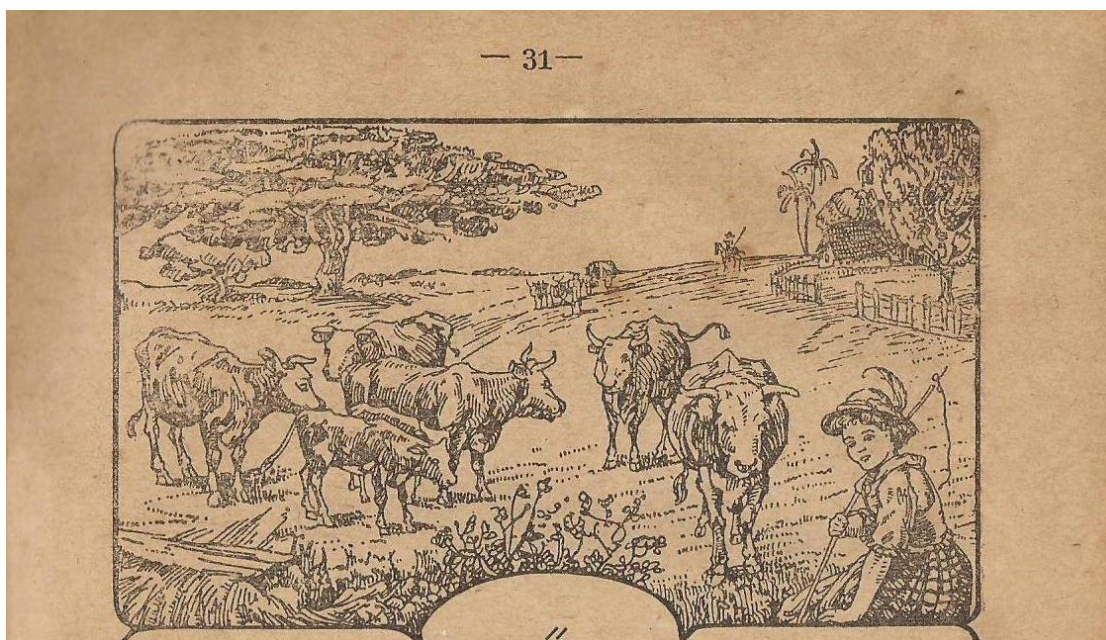


Figura 18- A paisagem do pampa .Página 31 da Fibel

Outras características e referências sobre o contexto regional podem ser encontradas nas páginas desse livro escolar, como os papagaios e os marrecos silvestres que são bastante ilustrados. Também o relevo que ora se apresenta montanhoso, ora como uma grande planície. Em relação a flora, além das figueiras, coqueiros e araucárias, a flor, considerada hoje símbolo do Rio Grande do Sul, conhecida popularmente como “brinco de princesa” está presente na

³⁰ Segundo Seibel (2006) Esse sistema de construção das casas é conhecido como “**enxaimel**”, muito popular na Alemanha, também foi sendo adotado em muitas localidades no Brasil. Eram estruturas de madeira, bastante rudimentar nos primeiros anos de colonização, com as paredes preenchidas pelo sistema de “pau-a-pique”, passando aos poucos a ser substituído e preenchido por parede de tijolos rebocados, mantendo-se a estrutura de madeira.

cartilha, evidenciando o espaço geográfico para o qual foi produzida. Como podemos perceber na figura que segue:



Figura 19- Ensino da letra F e destaque para e o brinco de princesa, página 8 da Fibel.

Considerando que a cartilha trabalha o texto visual paralelamente ao texto escrito, como já demonstramos nas tabelas 2 e 3, a análise relacionada a letra F, reforça o entendimento de que as ilustrações além de auxiliar no ensino das letras, também tinham o objetivo de inculcar determinado comportamento a partir das imagens. Se comparamos a tabela abaixo com a descrição das imagens da página oito da cartilha, constata-se essa relação da imagem pensada como reforço visual à letra ensinada .

Brinco-de-princesa = Fuchsie	Fogo = Feuer
Pena = Feder	Peixe =Fisch
Mosca = Fliege	Janela = Fenster
Sapo = Frosch	Família = Familie

Tabela 04- Tradução das imagens da figura (19) para a forma escrita.

As questões ideológicas e culturais estão presentes nas ilustrações, ou seja, existia todo um cuidado editorial para que a ilustração abrangesse tanto o campo educacional como o comportamental, apontando regras e valores tidas como corretas. Podemos perceber na ilustração da figura 19 a questão relacionada à divisão do trabalho entre homens e mulheres, na ilustração o homem está descansado enquanto a mulher está banhando a criança. Essa representação de gênero em relação ao trabalho masculino e feminino ocorre várias vezes durante as ilustrações da cartilha, onde o homem é ilustrado trabalhando na lavoura, concertando cerca, cavalgando, cortando lenha, caçando, dando aula, enquanto isso a mulher raramente é apresentada em atividades de campo, mas cuidando da casa, dos filhos, do jardim, lavando roupas, pastoreando gado, entre outros. Apesar da mulher ser ilustrada esporadicamente em alguma atividade que não seja doméstica, em nenhum momento o homem é apresentado em atividades fora do trabalho da lavoura. Ou seja, a forma como a cartilha reproduz a divisão trabalho entre homens e mulheres nas imagens está relacionado a um comportamento social que era considerado normal nesse período. Segundo Salomani (1996), existia uma divisão dos papéis sociais;

[...] aos homens cabia a responsabilidade da manutenção econômica da família, mas com participação efetiva da mulher nas ações e decisões. Os encargos femininos não se restringiam às tarefas domésticas como era habitual àquela época. A mulher estavam atribuídos os afazeres domésticos, o cuidado com a educação dos filhos e o trabalho na roça junto com o marido. Assim quando chegava da lavoura o homem descansava, e a mulher seguia sua jornada de labuta, preparando a comida, cuidando dos filhos.[...], cabia também a mulher o cuidado do jardim da horta, assim como o trato dos animais, a ordenha a capina a costura a limpeza da casa entre outros afazeres. (SALOMANI, 1996, p.59)

Portanto, podemos considerar que a proposta da cartilha era trabalhar o regionalismo apresentando costumes, tradições e reproduzindo o espaço geográfico do contexto local, trabalhando com representações que podiam ser

facilmente reconhecidas pelas crianças. Porém, ao mesmo tempo se mantinham presentes características culturais germânicas.

Na imagem a seguir podemos identificar que as vestimentas das crianças são trajes típicos desses colonos, principalmente o chapéu com a pena, esse item está presente em várias ilustrações em contextos diferentes, trata-se de um chapéu com uma pena, uma marca da germanidade. Conforme apontam as figuras (15,18 e 20). Os modelos de trajes que foram trazidos pelos imigrantes ao Brasil foram aqueles de uso no cotidiano do trabalho nas vilas pelos plebeus. As mais conhecidas no Brasil especialmente no sul do país são as vestimentas das regiões da Baviera. Segundo Albani, chamada no geral de Tracht(traje), que eram representativos das classes baixas;

[...] preservam o uso do cabelo preso pelas mulheres, herança das recomendações de recato da idade média. Na cabeça sempre há algum adorno, uma touca presa por longa fita nas costas ou abaixo do queixo ,pequenos chapéus com correntes ou bolas de lã. O uso de saias sobrepostas é característico [...], normalmente com cores mais escuras, algumas adornadas nas barras. A saia branca era a primeira e depois era sobreposta por outras cores. O avental também é constante, usado para proteger as saias e secar o suor. A roupa masculina é composta de pelo uso das calças curtas de couro com alças e camisa branca. Ela era muito usada pelos camponeses pois era fácil de vestir, confortável para trabalhar e também simples para limpar. O traje dos camponeses era complementado pelo chapéu com pena. (ALBANI, 2014, p.4 e 5)

Os trajes ilustrados, portanto fazem referência a um passado europeu no qual a diferença social era confirmada pela indumentária. É provável que tenha ocorrido aqui por um processo de ressignificação e adaptação destas vestimentas ao contexto local.



Figura 20- O ensino da letra B e a vestimenta típica alemã, página 17 da *Fibel*

Nesta ilustração observamos novamente que a imagem é pensada intencionalmente para ilustrar objetos que começam ou possuem a letra ensinada. A tabela abaixo apresenta a forma escrita das ilustrações que começam com a letra B na língua alemã.

Machadinho = Beil	Banana = Banane
Bola = Ball	Poço = Brunnen
Livro = Buch	Bananeira = Bananenstaude
Vassoura = Besen	Árvore = Baum

Tabela 05- Tradução das imagens da figura (20) para a forma escrita.

Assim, podemos observar que para cada letra ensinada no decorrer da cartilha *Fibel*, foi criado um texto visual, ou seja, um conjunto de ilustrações que narram uma pequena história envolvendo a letra ensinada. Sendo que, além de contextualizar situações do cotidiano as ilustrações são de fácil compreensão por tratar-se do cotidiano das crianças.

3.2- Entre caligrafias e imagens: representação visual da *Schreiblesefibel*

No livro de primeiro ano da cartilha *Schreiblesefibel* o conteúdo é semelhante ao da cartilha *Fibel*, estando contemplado o ensino do alfabeto, separação de sílaba, encontros vocálicos e consonantais, e formação de palavras

e frases e, por fim, pequenos textos. O que diferencia é a forma de expor o conteúdo, e também o uso da imagem como recurso textual, pois apesar das ilustrações estarem presentes em todo o livro, não estão diretamente relacionadas ao texto escrito, mas são imagens cuja forma escrita está relacionada com a letra ensinada. Tratam-se de ilustrações de objetos que de algum modo estavam presentes no cotidiano das crianças, ao considerarmos o contexto rural das escolas sinodais. Como podemos notar na imagem abaixo.

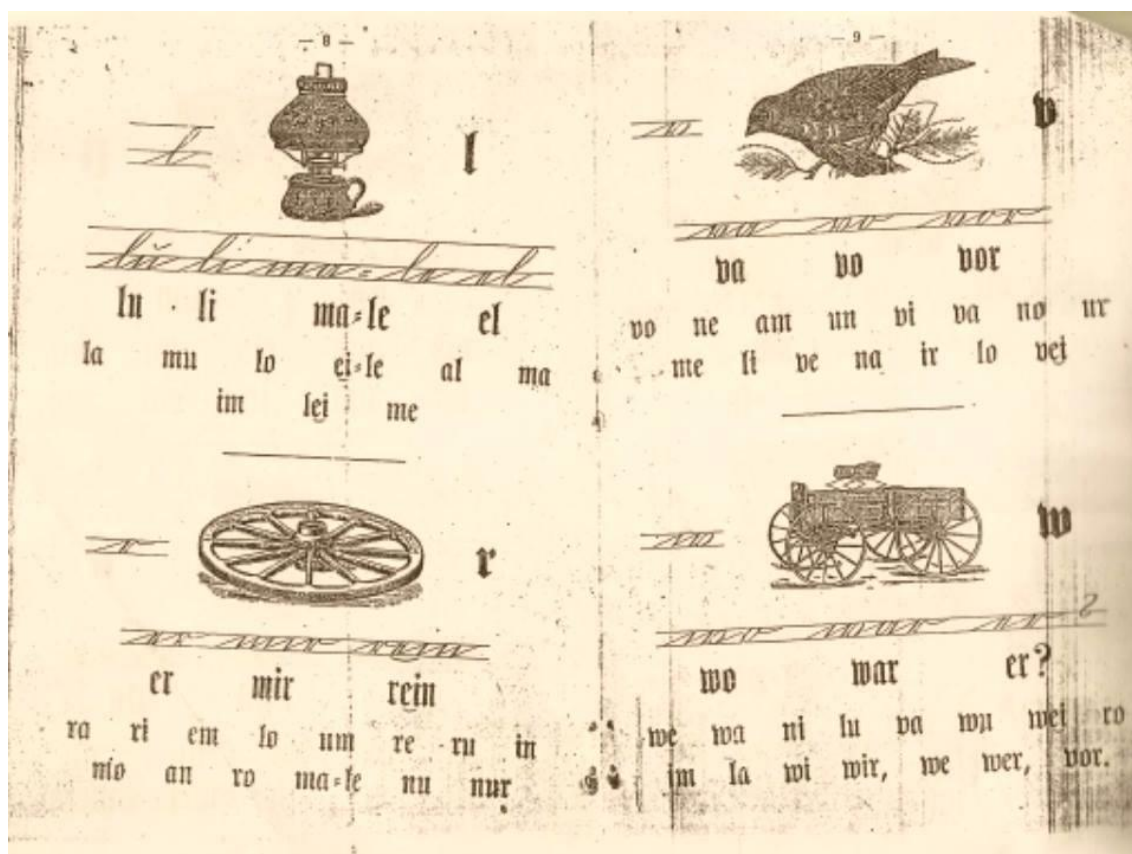


Figura 21- O ensino do alfabeto, páginas 8 e 9, da Schreiblesefibel.

Ao analisar a representação visual da fonte acima podemos identificar que se trata do ensino do alfabeto, onde cada letra ensinada é representada por uma única imagem, nesse caso o ensino da letra L, R, V e W. Na tabela abaixo iremos identificar a grafia das imagens em alemão, e em português.

1ª	L ; Laterne = Lampião
2ª	R ; Rad = Roda
3ª	V ; Vogel = Pássaro
4ª	W ; Wagen = Carroça

Tabela 06- Tradução para a forma escrita das imagens da figura(21).

Percebemos na tabela de descrição das 4 ilustrações presentes na figura 21, que o ensino da letra do alfabeto estava visualmente relacionado a uma única ilustração. Nesse sentido, Belmiro(2008), fazendo referência a Le Men, autora francesa, afirma que a imagem está lá, sobretudo, porque ela agrada às crianças, e porque ela serve a uma pedagogia do jogo que quer distrair a criança antes de fazê-la raciocinar. Nessa conjuntura o foco da cartilha *Schreiblessfibel* não está voltado para a linguagem visual, e sim para a ilustração como apoio pedagógico. Quanto a parte escrita, não se trata nesse primeiro momento de frases ou texto, mas de letras e sílabas soltas, já destacando os encontros vocálicos .

A partir da página dezoito, a cartilha já apresenta uma produção textual mais complexa, na qual era trabalhado o ensino de encontros vocálicos e consonantais, além de junção silábica e a formação de palavras, pequenas frases e pontuação. Incorporando portanto em um mesmo textos várias regras de escrita. Porém, não há uma relação direta entre o texto e a imagem como podemos acompanhar na figura 22.

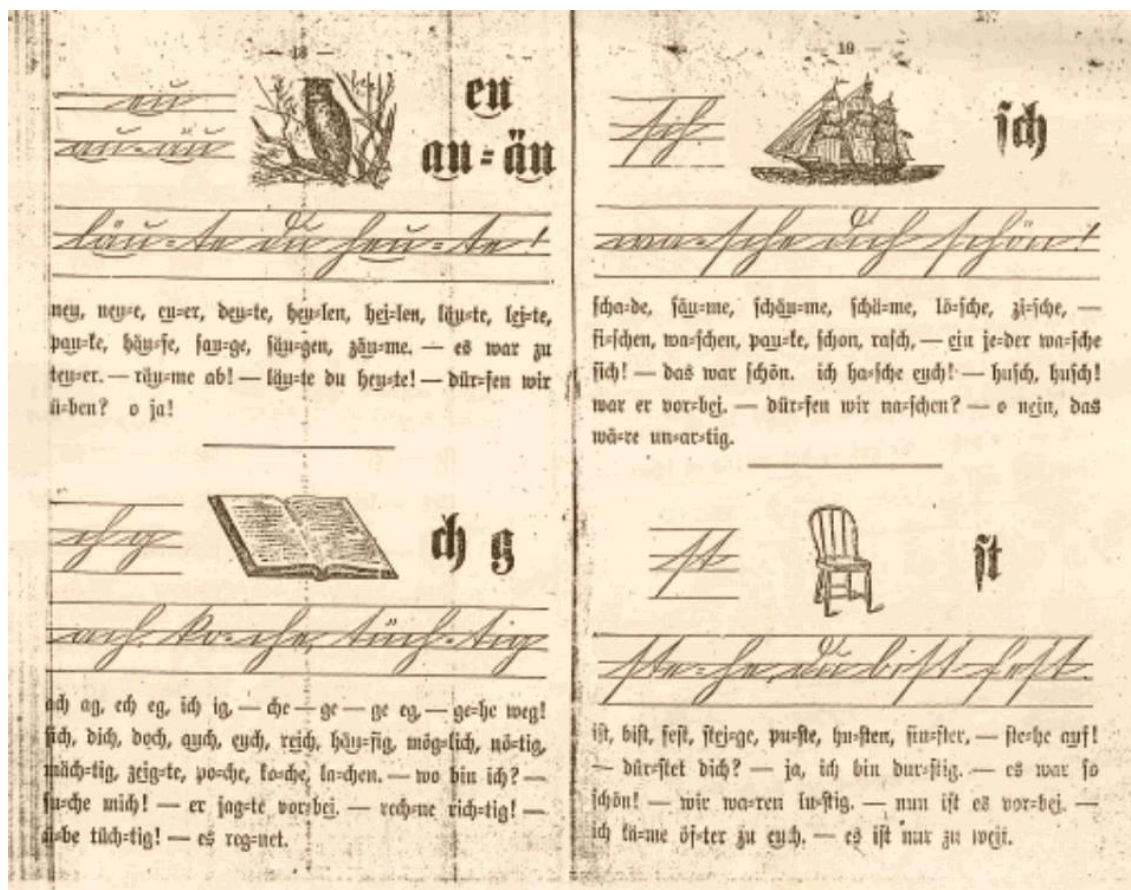


Figura 22- Separação de sílabas, encontro vogal, e consonantal, página 18 e 19 da Schreiblesefibel.

Ao folhear a cartilha podemos constatar que tem uma progressão silábica, ou seja, conforme vai se aprendendo as letras aumenta o grau de dificuldade. Porém, o emprego da imagem não é alterada, continua seguindo um padrão unitário, centralizado no começo de cada temática de ensino, como se fosse uma espécie de título da lição. É importante reafirmar que a imagem em nenhum momento aparece na forma escrita, ela faz referência ao encontro vogal ou consonantal em destaque, mas não aparece escrita no corpo do texto. Há também uma padronização que segue a abordagem de dois temas por página, ou seja, meia página para introduzir o ensino da letra ou da gramática em evidência, respectivamente, acompanhados de uma ilustração. A tabela abaixo traz a tradução das ilustrações presentes na figura 22. Com ela podemos perceber através da forma escrita a relação que a imagem ilustrada, na parte superior de cada texto, tem com a letra, ou encontro consonantal e vocálico, como é o caso da figura (22).

1 ^a	Eu; Eule = Coruja
2 ^a	Ch; Buch = Livro
3 ^a	Sch; Schiff = Navio
4 ^a	St ; Stuhl = Cadeira

Tabela 07 – Tradução para a forma escrita das imagens da figura (22).

Apesar de se tratar de ilustrações esteticamente mais simples, em comparação com a cartilha *Fibel*, estas também trazem uma representação do contexto cultural para o qual se destinavam: as comunidade rurais, onde estavam inseridas as escolas sinodais. As ilustrações presentes em toda a cartilha, em sua maioria certamente, podiam ser facilmente reconhecidas pelas crianças, por fazerem parte do cotidiano destas. Porém é importante considerarmos que algumas imagens, como o navio, talvez não era familiar a todas as crianças.

Outro aspecto que pode ser observado é que ao lado da ilustração é apresentada a letra a ser ensinada, acompanhada de um texto em letra cursiva, entre linhas que indicam a adequada caligrafia. Essa importância dada a caligrafia nas escolas do Sínodo de Missouri já é apontada por Kreutz(1994), que observa:

Sem a facilidade dos recursos mecânicos, o apelo era para escrita manual, que deveria ser bem apresentada. Dedicava-se tempo e atenção para a caligrafia. O saber escrever de forma bonita era considerado um grande valor. (KREUTZ,1994,p.54)

Assim, é possível considerar que saber escrever de forma correta, legível e bem apresentada era algo bastante valorizado e provavelmente, o treino da caligrafia compunha o currículo escolar.

Para compreender a possível relação entre o ensino das sílabas e as imagens fizemos a tradução para o português das palavras que estão sendo ensinadas em alemão, no primeiro texto da página dezoito da *Schreiblessfibel*. Conforme segue:

Neu = novo	neu-e =novos	eu-er = vosso
deu-te=interpretar	heu-len = chorar	hei-len = curar
läu-te = tocar	lei-te = sentir	pau-ke = tímpano
häu-se = casa	sal-ge = sugar	Säu-gen = amamentar
es mar zu teu-er. = isso é muito caro		
räu-me ab! = Limpar!		
läu-te du heu-te! = você toca hoje!		
dür-fen mir ü-ben? O ia! = poder me treinar? Sim!		

Tabela 08- Tradução do primeiro texto da figura(22).

A tradução das palavras possibilita perceber que o texto escrito não contempla a forma escrita da imagem ilustrada. Mas as palavras, frases e a ilustração possuem em comum um encontro vocálico conforme destacado no enunciado do texto. No caso dessa tradução o que fica manifesto no texto que trata-se de palavras que possuem encontro vogal, que são trabalhadas em conjunto com a separação silábica, e pontuação, com frases interrogativas e afirmativas.

Essa sequência é válida para os outros três textos apresentados na figura 22, correspondentes as páginas dezoito e dezenove da *Schreiblessfibel*. A única alteração é uma progressiva incorporação de palavras e frases que possuem em sua grafia as letras em destaque, por exemplo, a partir do segundo texto se mantém o encontro vogal, e são trabalhadas em conjunto com o ensino do encontro consonantal. Ou seja, ocorria uma incorporação de conteúdo onde se mantinha o que já havia sido ensinado e se acrescentava novos ensinamentos.

Em relação às imagens, constatamos que a palavra “Buch” (livro) correspondente a ilustração não aparece escrita. Da mesma forma, não aparece no texto escrito que trabalha com SCH, a palavra “Schiff” (navio), que é a grafia da gravura que ilustra o texto. Bem como, não aparece a palavra “Stuhl” (cadeira), grafia da ilustração do texto que trabalha palavras e frases que destacam o encontro das letras ST. Portanto, a ilustração presente no enunciado de cada um desses textos, se relacionam exclusivamente com a letra em destaque.

Ainda, destacamos a presença de linhas de caligrafia, que apresentam palavras na forma cursiva. Como podemos observar na figura abaixo:

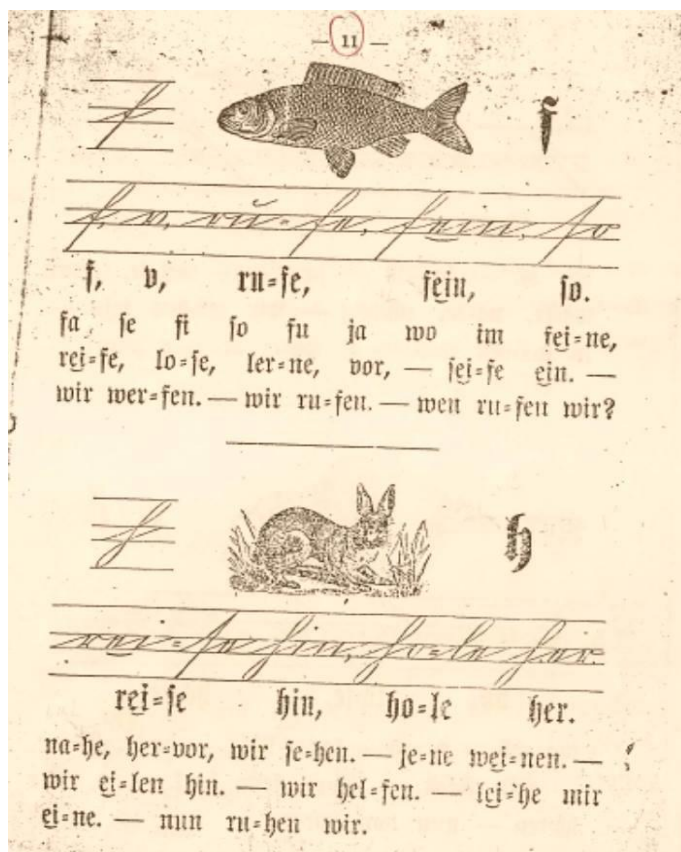


Figura -23 A Caligrafia, página 11 da Schreibfibel

Assim como no texto, nas linhas de caligrafia não observamos referência a imagem. Mas somente se relacionam com a letra em destaque no texto trabalhado.

Como observamos a cartilha *Schreibfibel* da mesma forma que a *Fibel* traz diversas imagens do cotidiano. Porém são apresentadas ao longo da cartilha sempre de modo unitário, ilustrando uma imagem que se relaciona com a letra ensinada. A figura a seguir apresenta algumas dessas ilustrações.

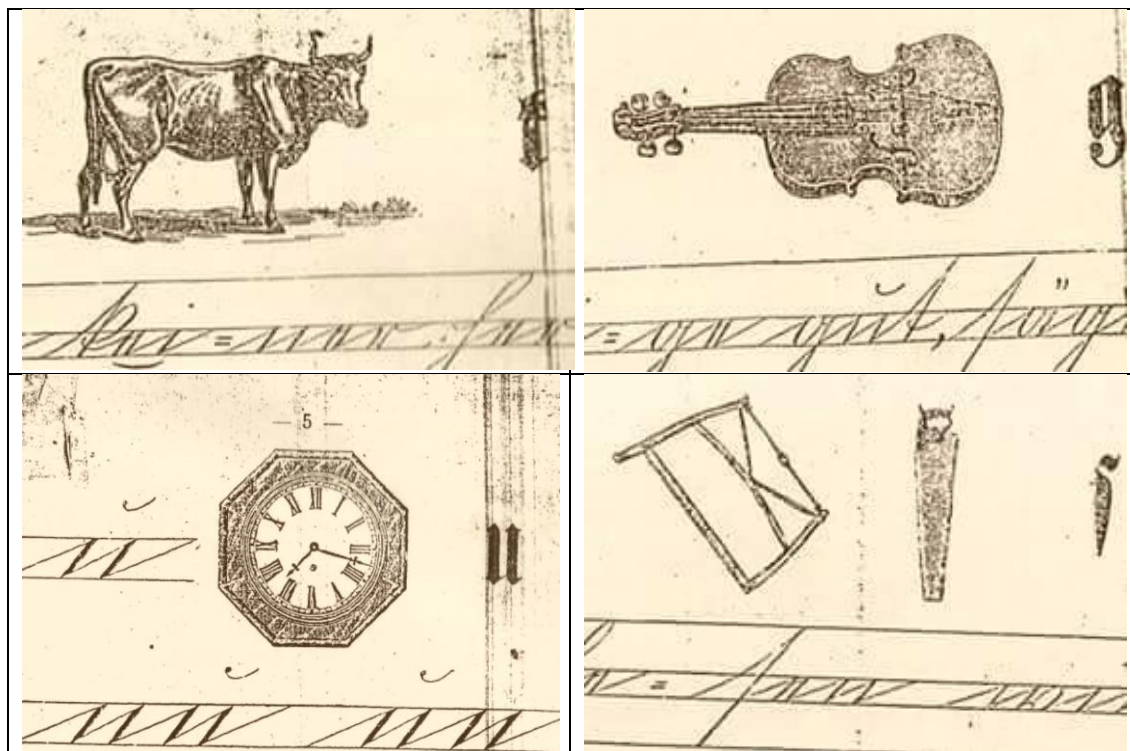


Figura 24- Ilustrações diversas presentes na cartilha Schreiblesefibel.

A tabela abaixo apresenta a forma escrita das ilustrações acima, demonstrado a relação da gravura com a letra. Bem como a tradução gráfica para o português.

01	K ; Kuh = Vaca
02	G ; Geige = Violino
03	U ; Hur = Relógio
04	S ; Säge= Serra

Tabela 09 – Tradução das imagens da figura (23).

As ilustrações presentes na cartilha possibilitam considerar que houve a intenção de trabalhar com representações que podiam ser facilmente reconhecidas pelas crianças que vivem no contexto rural, onde viviam os colonos alemães/pomeranos, público alvo dessas cartilhas. Sendo que são ilustrações de objetos de uso doméstico, como também, ferramentas de trabalho agrícola. Ainda, há representações da fauna e flora, e materiais de lazer, como o livro e o violino.

A ilustração de instrumentos musicais na cartilha de alfabetização pode ser compreendida pela relação que estas comunidades mantinham com a música.

Conforme Kreutz(1994), em sua pesquisa sobre o currículo das escolas sinodais, o canto e a caligrafia recebiam uma atenção especial nessas comunidades:

[...]percebe-se uma atenção maior com o último item, o ensino das aptidões. E entre esses o canto e a caligrafia merecem atenção especial. A escola deveria despertar o gosto pela música e pelo canto, que nas comunidades teuto-brasileiras era cultivado com especial ênfase através da formação de corais e da promoção de cantos populares, religiosos e profanos.(KREUTZ, 1994, p. 54)

Assim, o gosto e o incentivo pelo canto é uma prática presente no cotidiano dos sínodos até hoje, sendo que todas as casas visitadas durante a pesquisa tinham o livro de canto, denominado “hinário luterano”.

Um dado interessante a ser ressaltado é que ao longo da cartilha não se encontram ilustrações de cunho religioso, somente de objetos, animais e plantas. Somente na página trinta e um que aparece objetivamente um texto de cunho religioso, seguida por uma ilustração que faz referência direta ao texto. Esta também é a única vez que uma página inteira é dedicada a um único assunto. Além disso, diferente das outras páginas em que a ilustração aparece acima dos textos escritos, nesta ocorre o inverso, o texto vem antes da gravura. Também é a única página onde não está presente a ilustração das linhas de caligrafia. Como podemos observar na reprodução abaixo, ao lado encontra-se a tradução do texto para o português.


<p style="text-align: center;">— 31 —</p> <p style="text-align: center;">Je-sus, der gu-te Hir-te.</p> <p style="text-align: center;"><i>Jesus é o Bom Pastor</i></p> <p>Ein Hir-te hü-tet die Scha-fe. Je-sus ist mein gu-ter Hir-te. Er wei-det mich. Ich bin Je-su Schäf-lein. Je-sus hat sein Le-ben für sei-ne Scha-fe ge-ge-ben. Er ist auch für mich ge-storben. Je-sus hat mich er-löst von Sün-den. Er ist mein Er-lö-ser. In der Tau-fe wur-de ich Je-su Schäf-lein. Je-sus hat die Kin-der lieb.</p> 	<p style="text-align: center;">Jesus, o bom Pastor.</p> <p>Um pastor vigia as ovelhas. Jesus é meu bom pastor. Ele me pastoreia. Eu sou ovelhinha de Jesus. Jesus deu a sua vida pelas suas ovelhas. Ele também morreu por mim. Jesus me salvou dos pecados. Ele é meu salvador. No batismo me tornei ovelhinha de Jesus. Jesus ama as crianças.</p>
---	---

Figura 25- página 31 do Schreiblesefibel (Jesus, o bom pastor) ao lado a tradução do texto escrito para o português.

Sendo essa a única ilustração de cunho religioso no primeiro ano escolar da cartilha. Contudo, apesar de ser única, a imagem em conjunto com o texto, contempla o objetivo maior das escolas sinodais que era, segundo Weiduchadt (2012), a edificação cristã. Ou seja, o seu ensino era voltado para a prática cristã, formar jovens comprometidos com a causa religiosa.

Apesar da cartilha da *Schreiblesefibel* não apresentar tantas ilustrações de cunho religioso como a *Fibel* ela se propõe mais objetiva nesse sentido sendo que ela traz uma imagem clássica no meio religioso que é a do “bom pastor” complementado com um texto escrito. Diferentemente da *Fibel* onde as referências religiosas se fazem presentes num contexto de ilustrações ao longo da cartilha, sendo que em nem um momento ela aparece separada e com um texto fazendo referência unicamente a ela. Porém podemos perceber que em ambas as cartilhas ocorre um direcionamento social, ético, moral. Ou seja, havia um objetivo de por meio da formação escolar, integrar os jovens no contexto social e geográfico bem como integrar eles nas atividades da comunidade em que

estão inseridas, tomando consciência de suas ações. Acreditamos que uma análise futura mais aprofundada, cruzada com depoimentos orais, poderá ajudar a complementar as reflexões a respeito do papel das imagens nas cartilhas alemãs, usadas nas escolas Sinodais.

Considerações finais:

Com base nos estudos já realizados sobre as comunidades teuto-brasileiras podemos afirmar que a escola e a igreja sempre estiveram muito presentes na vida dos imigrantes alemães e pomeranos (Drogeres, 2008; Thum, 2009; Weiduschadt, 2007) . A alfabetização era algo constitutivo da identidade cultural dessas pessoas, havendo uma relação muito estreita entre estas duas instituições, sendo que as comunidade reconheciam as vantagens que o ensino proporcionava tanto no âmbito do trabalho como no aspecto social e religioso. Portanto zelavam para que as suas crianças pudessem aprender o necessário para poder participar dentro da estrutura comunitária da colônia.

Outro aspecto importante é o papel que os dois Sínodos e suas respectivas editoras tiveram na manutenção e fortificação dessa identidade cultural por intermédio, especialmente, da produção e circulação de materiais didáticos. Como foi possível evidenciar, através da análise das duas cartilhas, o material didático buscava contemplar a realidade das comunidades teuto-brasileiras, estimulando as práticas culturais germânicas, que estavam pautadas na fé no ensino, no trabalho e na vida comunitária promovendo assim uma integração religiosa social e cultural.

Portanto, os sínodos atenderam os interesses das comunidades teuto-brasileiras e dos próprios Sínodos, pois conforme Weiduschadt, (2007), as escolas foram um importante elemento na adesão dos fiéis. E a produção de material didático possibilitou uma aproximação entre a igreja e a escolarização, tornando-se assim um suporte pedagógico que cumpre também uma importante função social no campo educacional. Com base nos estudos de Kreutz (1996), podemos concluir que a questão escolar foi uma das mais importantes contribuições dos imigrantes alemães e pomeranos na formação sociocultural do Rio Grande do Sul.

Quanto a análise das duas cartilhas podemos constatar que ambas cumprem o papel para qual o foram pensadas e produzidas, visando um determinado público, sendo que se trata de material didático em alemão direcionado para as séries iniciais das escolas sinodais. Sendo assim, apresentam as características e peculiaridades da época, bem como o seu

discurso pedagógico e modo de apresentação e organização refletem a influência da sociedade étnica inserida em um contexto rural do Rio Grande do Sul e que preservam características germânicas. Sendo assim, as cartilhas foram pensadas e elaboradas para reproduzir práticas sociais, e também uma consciência daquilo que era consideradas importantes para estas comunidades pomeranas/germânicas.

Podemos perceber que o conteúdo das cartilhas contemplava o objetivo de ensinar os alunos a partir da realidade local. Sendo que a metodologia de ensino por intermédio da exploração de imagens no material didático colaboram na construção da identidade cultural e social dos teuto-brasileiros, pois, a análise das ilustrações das duas cartilhas apontam para a linguagem visual como elemento de reconhecimento do espaço. Consideramos a partir da análise das fontes que existia uma proposta de ambientar ou familiarizar a criança com o meio ou local onde viviam. Portanto, entendemos que as ilustrações reproduzidas a partir da realidade do aluno-leitor, foram pensadas como método de formação de sentido, com objetivo da criança estabelecer uma correlação da letra ensinada com o seu espaço de vivência diária.

Percebemos que a proposta de ensino tendo como suporte didático a imagem é mais visível na cartilha *Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien*, (Cartilha para as escolas alemãs no Brasil), na qual a ilustração atua como elemento determinante para a compreensão do texto. Portanto, além da interação texto-imagem, há um texto visual a ser lido em paralelo ao texto escrito. É possível considerar também que a ilustração é uma extensão do texto escrito, ou mesmo que, ilustração e texto se complementam. Portanto, havia um cuidado de reproduzir situações ilustrativas onde o público alvo está inserido, fazendo com que haja um reconhecimento por parte do leitor. Sendo o texto visual pensado como um meio de ensinar a ler e escrever e também de justificar um sistema sociocultural.

Consegue-se verificar que toda ilustração da Cartilha *Fibel* foi pensada para que a criança se veja num espaço familiar, no caso o ambiente rural, e aprenda por intermédio das ilustrações presentes no livro didático a ressignificar esse espaço e apropriar-se do seu conteúdo didático.

Quanto a ilustração da cartilha *Schreiblesefibel für Unterricht der Elementarklassen* (Cartilha para Ler e Escrever- ensino para educação básica)

diferentemente da *Fibel* que reproduz um conjunto de ilustrações que dialogam com o texto e a letra ensinados. Esta apresenta ilustrações de forma unitárias e esteticamente mais simples, que fazem referência a letra trabalhada, porém não apresenta relação com o restante do texto. Porém, são imagens que podem ser facilmente reconhecidas e resignificadas pelas crianças. O que fica implícito é que elas não influenciam na leitura do texto, assim, podemos concluir que a sua linguagem visual é de apresentação de uma letra. Sendo assim, a ilustração fica restrita a apresentação, tendo uma caráter mais figurativo em relação as ilustrações da *Fibel* que formam um conjunto que dialoga entre si e com o texto.

Podemos constatar que na *Fibel* além da fauna e flora que contempla o contexto do Rio Grande do Sul, ha uma teatralização visual que naturaliza algumas questões relacionadas a vida sociocultural dessas comunidades. Como questão relacionada ao trabalho, a escola, a divisão do trabalho entre homens e mulheres, a questão religiosa, cultura gaúcha e a cultura germânica. Assim, ela reproduz a partir das ilustrações o que era considerado importante para a cultura germânica.

Já o foco das imagens da *Schreiblesefibel* não estão centradas na linguagem visual, e sim como um apoio pedagógico, um recurso que faz referência a letra ensinada, porém não influencia no texto ensinado. A análise das cartilhas nos permitiu perceber o diferente emprego da ilustração como o principal diferencial entre ambas. Enquanto as ilustrações da *Fibel* interagem e complementam o texto escrito e ainda permitem fazer uma leitura visual interpretativa do contexto, as imagens da *Schreiblesefibel* tem um papel mais figurativo, fazendo menção a letra a ser ensinada, mas usando ilustrações que não fogem do contexto sociocultural de quem estudava com a cartilha.

Porém, não podemos concluir qual o nível de interferência que a ilustração ocupava na relação ensino aprendizagem, pois nos detemos ao longo da pesquisa em fazer uma análise descritiva das ilustrações e perceber a relação que a mesma tinha com o público para o qual elas foram produzidas. Consideramos que o contexto rural e regional onde a atuação dos Sínodos predominava faz-se notar nas páginas das cartilhas, além do ensino ambientado, questões ideológicas e culturais estão presentes nas ilustrações. Ou seja, existia todo um cuidado editorial para que a ilustração abrangesse tanto o campo educacional como o comportamental. Logo acreditamos que o papel das imagens

nos manuais didáticos analisados, abrangem além do ensino integrado ao contexto outras práticas sociais destas comunidades. Sendo assim, futuras pesquisas serão necessárias para poder saber quais outras propostas pedagógicas e ideológicas os autores e editores objetivavam contemplar a partir das ilustrações

Outros aspectos puderam ser observados em relação a materialidade e a exposição dos conteúdos nas cartilhas. Ambas apresentam um agrupamento do conteúdo do primeiro e segundo ano escolar em uma mesma cartilha. Aspecto que ainda merece ser melhor contemplado em futuras análises.

Porém, a cartilha “*Schreiblesefibel*” apresenta uma capa que traz uma técnica inovadora para o período no Brasil, que é a capa e a contra-capas ilustrada com imagens diferentes. Enquanto que a “*Fibel*” traz a versão tradicional do período, ou seja, cor única trazendo o nome da cartilha, editora e autor sendo o mesmo reproduzido na folha de rosto. Portanto é possível considerar que se trata de uma técnica de impressão de capas adotada pelo Sínodo de Missouri, sendo que cartilhas produzidas na editora dos Estados Unidos, sede do Sínodo, também trazem as ilustrações na capa. Pesquisas futuras sobre a organização material e tipográfica poderão ajudar a confirmar tais indícios. Podemos também destacar na cartilha *Schreiblesefibel* a importância dada a boa escrita refletida por intermédio da reprodução de linhas caligráficas ao longo da cartilha, sendo este o único recurso gráfico mantido durante toda a cartilha.

Foi possível fazer algumas inferências sobre os métodos de alfabetização adotados nessas cartilhas, porém acreditamos que um estudo mais direcionado poderá trazer respostas mais afirmativas sobre este aspecto. Contudo, os sinais gráficos apontam que ambas adotavam o uso do método silábico para alfabetização. Havendo algumas especificidades, o recurso utilizado para separar as sílabas na *Fibel* é um espaço simples para separar uma sílaba da outra, enquanto a *Schreiblesefibel* adota o sinal de igual. É possível observar também que ambas seguiam uma mesma sequência de aprendizado começado pelo ensino das letras, vogais, consoantes frases e textos.

A análise apontou também que os recursos gráficos são mais explorados na cartilha *Schreiblesefibel*, e a mesma adota a letra gótica como predominante. Enquanto a *Fibel* se destaca pela linguagem visual, e pela adoção de dois tipos de letra a cursiva e a de forma. Sendo que ela inicia a alfabetizar em letra cursiva

para depois adotar a letra de forma, ou seja, uma técnica inversa da que é usada na atualidade. Portanto investigações futuras serão necessárias para responder às questões relacionadas ao emprego da letra cursiva antecipando a de forma na alfabetização bem como para ver se tal técnica era adotada por escolas sinodais ou tratava-se de algo comum na época.

Portanto podemos concluir que o objetivo da pesquisa de buscar reconhecer por intermédio das ilustrações, a relação imagem, texto e público alvo, foi alcançado. Pois a pesquisa assinala que as imagens remetem a esse contexto rural, habitado por esses colonos, logo quem as produzia buscava nesse espaço inspiração para produzir material didático direcionando para uma “alfabetização cultural”. Ou seja, para práticas socioculturais consideradas importantes de serem ensinadas.

Porém é importante ressaltar que além dos aspectos tipográficos, ilustrativos, de editoração e autoria, existem ainda outras questões que merecem ser investigadas. A análise desses materiais nos trouxe outras perguntas que necessitam de uma investigação mais ampla para podermos nos aproximar do contexto de produção, circulação e apropriação desses materiais, por exemplo, cruzar fontes orais com a análise dos materiais didáticos seria uma importante ferramenta de aproximação. Existe também um lacuna em relação a informações sobre os autores, o que faziam? Qual a origem e formação? Qual a relação deles com a igreja? A própria questão da ilustração, quais seria as técnicas utilizadas? Quem seriam os ilustradores? Qual modo de impressão? Sendo que essas informações não constam na cartilha, acreditamos que tais respostas poderão ser buscadas em arquivos dessas editoras.

Outra questão que merece uma atenção é a relação da proposta religiosa dos diferentes sínodos luteranos com a proposta dos materiais didáticos. Como esses dois Sínodos (IELB e IECLB), relacionavam filosofia religiosa e materiais didáticos produzidos, percebemos que a questão religiosa se faz presente nas cartilhas, mas como ela era pensada para atingir um público que ainda estava sendo alfabetizado? E as escolas das igrejas independentes que usavam esse material didático, a partir de qual critério adotavam essas cartilhas? Ficava a critério da comunidade ou do professor?

Sabemos que as cartilhas eram produzidas no Rio Grande do Sul, e podemos afirmar que as imagens da cartilha *Fibel* se direcionam para o contexto

local. Mas existem indícios que essas cartilhas foram usadas em outras escolas sinodais pelo Brasil. Portanto, como acontecia a apropriação desse material fora do contexto do Rio Grande do Sul ? Mantinha-se o conteúdo e mudava-se as ilustrações ou o material usado em Santa Catarina, Espírito Santo entre outras regiões colonizadas pelos germânicos era o mesmo produzido e adotado no estado do Rio Grande do Sul? A riqueza das fontes nos permite ampliar o leque investigativo...

Referências

ALBANI, Márcio Monticelli. Os Trajes Típicos Alemães de Nova Petrópolis –RS: Leituras e Percepções. In: COLÓQUIO DE MODA, 10º / EDIÇÃO INTERNACIONAL, 7ª / CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 1º. **Anais...** Caxias do Sul: 2014, p. 1-10.

ARENDT, Isabel Cristina. **Representações da Germanidade: escola e professores no Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul.** 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.

BELMIRO, Celia Abicalil. **Um estudo sobre relações entre imagens e textos verbais em cartilhas de alfabetização e livros de literatura infantil.** 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói/RJ, 2008.

BRITO, Aline Araujo. **Reflexões acerca do ensino da letra cursiva em uma escola pública de Porto Alegre.** 2008. Especialização (Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais da Escolarização). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2008.

CAMINI, Patrícia. **Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2010.

CARDOSO, Rafael. O Início do Design de Livros no Brasil. In: CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro, antes do design: Aspecto da história gráfica, 1870-1960.** São Paulo: Cosacnaify, 2005, p. 160-197.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun.** São Paulo: UNESP, 1999.

_____. Do Livro à Leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura.** 2. ed, São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **História da Educação,** ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 11, p. 5 -24, abril 2002.

COARACY, Vivaldo. **A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz**. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Além das páginas do livro didático. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, p. 39-52, jan./mar. 1996.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre: EST, 1984.

DROOGERES, André. Religião, identidade e segurança, entre imigrantes Luteranos da Pomerânia no Espírito Santo (1880-2005). **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 13-41, 2008.

ECO, Humberto. O Leitor-Modelo. In: ECO, Humberto. **Leitor in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 35-45.

FACHEL, José Plínio Guimarães. **As Violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Editora da UFPel, 2002.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Ideologia no livro didático**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1984.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 171-190.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O estudo dos manuais escolares e a pesquisa em história. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros Escolares de Leitura no Brasil**: elementos para uma história. Campinas: Mercado das Letras, 2009, p. 11-40.

GERTZ, René. Estado Novo. In: GERTZ, René. **República**: Da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v. 4. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 39-59.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

IEPSEN, Eduardo. **Jacob Rheingantz a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história**. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos, São Leopoldo/RS, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 11 ed., Campinas: Papirus, 2007.

KOLLING, Nilo Bidone. **Educação e escolas em contextos de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul-Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2000.

KREUTZ, Lúcio. A Escola Teuto-Brasileira Católica e a Nacionalização do Ensino. In: MÜLLER, Telmo Lauro. **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

_____. Periódicos na literatura educacional dos imigrantes alemães no RS (1900-1939). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30ª, 2007, Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2007, p. 01-13.

_____. Escolas éticas no Brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). **Poiésis**, Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71-84, jan./jun. 2010.

_____. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

_____. Muito empenho pelas escolas. In: FISCHER, Luís; GERTZ, René. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p.145-150.

_____. **O Professor Paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 105-125, 2011.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

OSVALD, Tamara. **As igrejas Evangélicas Livres e independentes em São Lourenço do Sul**. 2014. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2014.

PISKE, Meinrad. Nossa história, Federação Sinodal: início da história da IECLB. **Jornal o Caminho**, edição Out. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br>>. Acesso em 27 ago. 2016.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda**: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. v.1. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SEIBEL, Ivan. Estilo “enxaimel” de construção de casas pelos imigrantes pomeranos. **BrasilAlemanha**, Ago.2116. Disponível em: <http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/>. Acesso em 09 dez. 2016.

SALAMONI, Giancarla. **Os Pomeranos**: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Editora da UFPel, 1996.

SCHAEFFER, Schirlei Conceição Barth. **Descrição Fonética e Fonológica do Pomerano falado no Espírito Santo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória/ES, 2012.

STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo**: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio- Grandense, 1900-1904. Porto Alegre: Singulart, 1999.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja**: As comunidades- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia/EST, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia/IEPG, São Leopoldo/RS, 1996.

THUM, Carmo. **Educação, história e memória: Silêncio e reinvenções pomeranas na serra dos tapes.** 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2009.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista "O Pequeno Luterano" e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931 - 1966).** 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2012.

_____. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: Identidade e cultura escolar.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2007.

_____. Sínodo de Missouri e organização escolar na realidade pomerana-campo e habitus em Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, n.1, p. 1- 9, 2009.

_____; TAMBARA, Elomar. O Sínodo de Missouri e o Seminário Teológico-Pedagógico em São Lourenço do Sul- RS(1903-1905). **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 48, p. 199-224, 2012.

WILLE, Leopoldo. **Pomeranos no Sul do Rio Grande do Sul: Trajetória, mitos, cultura.** Canoas: Editora da Ulbra, 2011.